

EMÍLIO MIRANDA



O LIVRO DOS MOSQUETES



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*À minha filha, sobretudo porque este livro
é uma história de Descoberta e Deslumbramento,
duas sensações fascinantes.*

À minha mulher, por todas as razões.

AGRADECIMENTOS

Ao Luís Loureiro,
Pelas opiniões construtivas e sucessivas leituras,
a que se juntaram agora os mapas e os símbolos
que identificam os clãs, trabalhos inteiramente da sua lavra.
Sem eles este livro seria mais pobre.

Ao Manuel Monteiro,
cuja amizade nasceu com este livro,
numa fase importante da sua criação.

ÍNDICE

PARTE I - A Terra dos Deuses	15
PARTE II - O <i>Bushido</i>	163
PARTE III - Uma Borboleta na Luz	235
PARTE IV - O Conselho de Nobres	275
PARTE V - <i>Namban-jin</i> , “Os Bárbaros do Sul”	325
EPÍLOGO	349
BREVE EXPLICAÇÃO FINAL	350
ANEXOS	351



● Quioto

● Osaka

JAPÃO

HONSHU

SHIKOKU

KYUSHU

CHIKUGO

BUNGO

BUZEN

CHIKUEN CHIKZEN

HIGO

HYUGA

SATSUMA

OSUMI

Kagoshima

Sakurajima

TANEGASHIMA





PARTE I

A TERRA DOS DEUSES

SUL DE TANEGASHIMA

1

A construção, semelhante a uma casinha de bonecas, parecia fundir-se com a colina onde fora implantada. Em torno, um jardimzinho de sonho envolvia-a, nascendo da elevação de forma harmoniosa, quase como se não houvessem sido de homens as mãos responsáveis pelo elaborado conjunto. *Aliás, não fossem as semelhanças fisionómicas que partilham com os Chineses, e poder-se-ia dizer que este povo é tudo menos humano...* — escreveu João nos primeiros dias, e não se sabe que parte deste sentimento era movida pelo fascínio, que parte pelo preconceito. A descoberta, nas suas múltiplas manifestações, revelava-lhe um povo único e evoluído, que era também bárbaro e rude. Sobretudo *na forma* como lidava com a morte, ou antes, *no modo* como a infligia. *Costumes cruéis e desumanos, uma desprendida relação com a vida, que os leva a matar e a matarem-se, quase como se respirassem ou se peidassem, eis algumas das características dos japoneses* — registou nos seus relatos iniciais. — *São educados com os hóspedes, mas rudes com os seus semelhantes, principalmente se de estratos sociais inferiores. Os samurais — casta guerreira e única autorizada a deter terras e armas —, por tudo e por nada, sacam da sua espada e não hesitam em decepar um infeliz, só porque não se desviou à sua passagem, ou demorou a postar-se de rabo para o ar e cabeça no chão. E ninguém os questiona por isso. Em contrapartida, cumprimentam-se entre si e aos hóspedes com grande educação e deferência. São, simultaneamente, bárbaros e civilizados.*

Para estes registos, muito tinham contribuído os primeiros relatos de Xiang — o pequeno chinês que era simultaneamente marujo e intérprete.

Entre os inúmeros testemunhos, estava aquele, referente a uma das suas primeiras vindas ao arquipélago em comércio, à ilha central de Honshu, de um carregador que, ao cruzar-se com o séquito que escoltava o seu soberano, numa ruela estreita da cidade portuária, não se afastara prontamente e acabara brutalmente retalhado. Mas também o do camponês decapitado apenas por ter demorado mais do que o tempo aceitável para se curvar à passagem do seu senhor.

Ante a sua incredulidade e evidente cepticismo, Xiang garantira-lhe, persuasivo: — Verdade, senhor. — *Honto!* — corroborou em japonês, atento ao pedido para que o fosse elucidando sobre a língua e, sempre que possível, fizesse uso dela, assegurando-lhe que os Japoneses eram muito severos com aqueles que os serviam, quando não obedecidos com a prontidão exigida. *Não atentam nem à idade, nem à condição. Basta que entendam que a disciplina ou a ordem tenham sido de algum modo beliscadas, e com elas a sua dignidade, que prezam mais do que tudo, para condenarem à morte um infeliz.*

E dito isto, fez questão de frisar:

— Digo-vos que não vos deixeis iludir pela sua simpatia e bons modos, pois, quando querem, comportam-se como autênticos demónios. São tão cícosos da sua razão, que não é sensato contrariá-los!

João ainda pensara que o homem pudesse ser movido por algum tipo de ressentimento ou preconceito, mas quaisquer suspeitas que pudessem subsistir parece terem sido confirmadas, atendendo ao que escreveu:

Dão grande valor à disciplina e não toleram desvios aos seus códigos e leis.

O que poderia, à primeira vista, ser encarado como uma virtude, não fosse a forma como revelavam a sua inesperada implacabilidade. A harmonia que irradiava de todas as suas obras e gestos estudados, quase como um contra-senso, era assim quebrada, em súbitas explosões de ira. Mas depois de um tufão, vinha de novo a calma.

Como a natureza das ilhas onde vivem, são imponderáveis, inconstantes, permanentemente perigosos... E não obstante, fascinantes, plenos de interesse, surpreendentes...

Tal como o conjunto de ilhas mágicas, surgido do meio do oceano, como uma porta para outra dimensão...

A confirmá-lo, o cenário em torno, com a praia entre socalcos onde a pequena aldeia de pescadores encaixava como uma obra de arte de cuja autoria se poderia duvidar, não fosse o facto de ele haver já comprovado a habilidade com que aqueles homenzinhos cor de palha, ou de mel, moldavam a terra

como semideuses: amanhando, sachando, plantando, abrindo sulcos, aplanando ou, simplesmente, mondando-a de ervas daninhas; definindo-lhe outra geografia ou, tão-só, aperfeiçoando o trabalho d'O Criador. Caminhos traçados na paisagem, com cercas e muros engenhosamente erguidos, davam a ideia dessa transformação, desse labor incessante de formigas. E tudo tão limpo que surpreendia. . .

Os calços, por onde a água corria abundante, estavam ocupados com uma grande variedade de culturas, algumas desconhecidas por eles, e também de uma diversidade de árvores de fruto, entre as quais se contavam cerejeiras, ameixoeiras, pessegueiros. . . A cerejeira — sabia-o — era a árvore nobre do arquipélago, devido ao fascínio quase mágico que os Japoneses manifestavam pela sua floração.

Mas era essencialmente o arroz que plantavam, a base da sua ementa e o centro da sua vida. Havia talhões e talhões daquele cereal, verdes e alagados, onde nuvens de mosquitos zumbiam debaixo do Sol. . . Há dias que ele via os camponeses, metidos em água até aos joelhos, a cuidarem delicadamente daquela que consideravam a planta dos deuses.

O arroz proporcionava-lhes o grão com que se alimentavam e a palha de que faziam esteiras e papel para a escrita. Sem ele, acreditavam, a vida seria simplesmente impossível. . .

Num círculo mais distante, bosques de cedros e bambus enxameavam de vida. Um mundo de cores, de sons e de aromas, só ultrapassado por aquele que deixara em terras da Índia.

Gaivotas, corvos marinhos e outras aves desconhecidas habitavam ruidosamente as arribas escarpadas, nidificando nas reentrâncias rochosas, açoitadas pelos ventos vindos do mar. Por mais de uma vez, pudera testemunhar os pequenos habitantes da aldeia a escalá-las, com o fito de roubar às aves indefesas os ovos acabados de pôr.

Suspirou. Tudo parecia assemelhar-se aos seus mundos lendários de criança. . .

Verdadeiramente surpreendentes nos gestos e no modo de vida, diferentes de quantos havia já testemunhado, desde que chegara àquelas terras do Oriente, os Japoneses pareciam um povo à parte, habitando um cenário idílico. «Não fosse a forma como facilmente manifestam a sua crueldade e poder-se-ia dizer que aqui se encontra o paraíso», conjecturava, debruçado sobre a povoação que se estendia pelo sopé, com o mar de fundo, as casas com os seus telhados curvos, uns de telha, a maioria simplesmente de palha, sobressaindo no meio do cenário envolvente, quando uma voz sussurrada o despertou:

— Senhor, *gomen nasai* — sinto muito —, mas um dos vossos deseja falar-vos.

A figura feminina, semelhante a uma bonequinha de porcelana, vestia o habitual quimono das mulheres japonesas, cingido na cintura, calçava soquinhos de madeira e ostentava um penteado elaborado que se erguia no topo da cabeça, como se de um arranjo floral se tratasse.

A informação levou uma eternidade até ser compreendida, e de tudo quanto fora dito, ele apenas conseguiu perceber que alguém dos seus o aguardava. Aquela língua, completamente diferente de quantas conhecia, era, tal como tudo o resto, irreal, feita de sons quase ininteligíveis e que exigiam um grande esforço de compreensão. Apesar do pouco tempo, já não era um cego e um surdo em absoluto, mas havia, ainda, um longo caminho a percorrer, se queria entender e fazer-se entendido.

Suspirou antes de responder.

— Já vou. *Hai! Arigato... so desu...* — disse, hesitante, sabendo que *Hai* queria dizer sim, *Arigato*, obrigado e *so desu*, compreendi. O seu tom de voz continuava rude, as palavras a soarem de forma áspera na sua boca.

A brusquidão dos bárbaros vindos de longe chocou-a, uma vez mais, mas ela, num esforço estudado, ignorou o que sentia, a repugnância que aqueles seres lhe suscitavam, e baixou a cabeça. — *Hai, gomen nasai...* — Sim, sinto muito — disse, delicadamente, e afastou-se.

Enquanto se demorava, recordou como tinham vindo dar, quase por acaso, àquela terra desconcertante, depois de uma tempestade inesperada os ter atirado, quase mortos, para a praia, entre promontórios, onde a embarcação, ainda enclachada, permanecia entregue ao capricho das ondas. Era um junco, um navio tipicamente chinês, exceptuando o pormenor dos dois canhões, colocados um na proa e outro na popa, que os seus companheiros, dois mercadores abastados, haviam contratado para aquela viagem exploratória, na qual ele tinha lugar como protegido de Dom António, o sócio maioritário, numa percentagem de dois para um, da *António e Inácio Comercial*, sociedade portuguesa de comércio, criada com o fito de fazer fortuna com as riquezas do Oriente. *Entre Goa e o mais território que para lá houver*, tinha Boavida escrito no seu diário, quando Dom António lhe anunciara a empresa.

Da tripulação, faziam parte Dom António, Dom Inácio, ele e uma dezena de marinheiros, espécie de corsários, que os dois homens haviam arregimentado numa das cidades costeiras do Sul da China, entre os quais, quisera a graça de Deus, se encontrava Xiang. A viver há alguns anos numa das feitorias portuguesas, conhecia já relativamente bem a língua lusa e,

como tal, revelara-se um precioso elo de ligação entre eles e aquela gente, uma verdadeira bengala linguística e cultural. Nem o resto da sua vida seria suficiente para lhe agradecer tudo quanto lhe devia, pensou, fixando o olhar nas velas típicas, semelhantes à tela desdobrada de um biombo, que sobressaíam na enseada, sob o céu manchado de nuvens. O arco-íris, a lembrar as chuvas caídas nos dias anteriores, erguia-se por trás, como se indicasse um tesouro guardado nos porões que se localizavam abaixo. Mas ele sabia que já pouco existia no seu interior; muito havia sido dado como agradecimento, muito tinha-se simplesmente deteriorado com a entrada de água e havia sido lançado ao mar, o resto tinha sido trocado por produtos locais. «Uma perda enorme», pensou. «Se não tivesse sido a tempestade, o comércio poderia ter-se revelado muito lucrativo...»

No entanto, tinham de dar graças a Deus, pois as suas vidas haviam sido poupadas e todos os marinheiros estavam mais do que habituados aos desígnios e à má sorte. Logo que a vida restasse, havia sempre como começar de novo. Apenas a morte era um fim em si, por muito que os padres falassem numa outra vida. Ameaçavam os crentes com o Inferno, mas o Inferno era quase sempre ali, na Terra... «Senhor Pai, protege-nos da má sorte, protege-nos de uma morte no mar... Bendito sejas por teres zelado pelas nossas vidas!», orou, recordando-se de como tinha embarcado há três anos, quase quatro, em Lisboa, com destino à Índia. A viagem, feita de contratempos e agruras, revelara-se desde muito cedo uma espécie de incursão ao Inferno, com inúmeros doentes e moribundos, pestilência e podridão. No meio de tudo, surgira aquela sua aptidão para relatar as ocorrências, sendo mais do que marinheiro, uma espécie de cronista.

Essa tendência reforçara-se quando pusera pé em Goa, ao registar com pormenor costumes, cultura e religião, bem como aspectos peculiares do mundo da política e do comércio. Sobre Goa, podia ler-se no seu diário o seguinte comentário escrito nos primeiros dias: *Exceptuando o calor húmido e os mosquitos que teimam em beber-nos o sangue até à saciedade, esta terra é o paraíso. Depois de tantos meses no mar, coloquei, finalmente, os pés em terra, deslumbrado com os cheiros e as cores. Deus, como quase havia esquecido os aromas da Natureza, depois de semanas encerrado nos porões nauseabundos do Santa Catarina!*

Estes dotes, mais do que os de marinheiro, tinham sido o que levava Dom António a contratá-lo como seu escrivão pessoal, e também, como ele dizia com alguma vaidade, como seu cronista particular.

Rodrigo, nome pelo qual tratava o mais novo elemento da tripulação, apenas com doze anos, era o filho do piloto, um chinês de má índole, pequeno

e mau como as cobras. Ao contrário do pai, Rodrigo era um rapaz tímido, normalmente empregue pelos demais para levar a cabo as tarefas mais variadas e as menos agradáveis. Como aquela de ir chamar o *marinheiro escrevedor*, que vivia num mundo à parte, garatujando incessantemente em folhas que guardava religiosamente no interior de uma arca de carvalho, à qual ninguém tinha acesso, estranhos pensamentos ou testemunhos incógnitos; o que fosse ninguém sabia. Toda a tripulação alimentava, em relação a ele, um misto de desagrado e fascínio. O seu distanciamento, aliado ao raro dom de manusear a escrita, assustava-os, como se temessem o que pudesse registar acerca deles... exceptuando Rodrigo, que parecia indiferente a essa eventualidade.

O rapaz esperava-o junto à cerca do jardim, do lado de fora, como se receasse conspurcar o local e a sua beleza imaculada. Vestia roupas velhas de marujo, tipicamente chinesas, e ostentava, orgulhosamente cruzada na cintura, uma catana — espécie de espada, usada pelos piratas do mar da China, sem bainha ou qualquer outra protecção. Estava descalço e logo que se fitava o rosto imberbe, emoldurado por cabelos negros e lustrosos, percebia-se a falta dos dentes da frente, perdidos num murro dado, há semanas, pelo pai, quando o rapaz obedecera com menos presteza a uma ordem sua. João percebera então como podiam ser implacáveis aqueles homens pequenos, de olhos rasgados como os dos felinos e pele amarelada, que povoavam aqueles mares a sul do imenso território chamado Terra de Chi ou China, «O império do Meio», como também gostavam de lhe chamar os seus habitantes. Mas aquele, em particular, parecia sofrer de uma espécie de animosidade visceral que mais de uma vez estivera prestes a criar sarilhos entre a tripulação, e ele suspeitava que se não fosse a sua imprescindível aptidão de os conduzir por aqueles mares estranhos e perigosos, os outros já o teriam linchado ou atirado aos tubarões. Naquele dia em que maltratara o filho, João Boavida interveio e o sangue estivera prestes a jorrar. A custo se tinham serenado os ânimos, mas desde então evitava os contactos com o chinês. Tinha, no entanto, pelo rapaz uma simpatia semelhante à que se nutre pelos desvalidos e por essa razão o chamava de Rodrigo (nome do irmão mais novo que deixara em Portugal), pormenor que o fazia escancarar a boca desdentada e que muito os divertia.

— O capitão quer falar-vos... — conseguiu ele perceber do dialecto falado pelo rapaz.

— Sim? E qual é a novidade? — perguntou, enquanto o despenteava.

— Estamos prestes a soltar o navio do baixio. — O pequeno, sorridente, acompanhava o papaguear com gestos, de modo a fazer-se perceber.

Ao fim de muitos dias, estavam finalmente prestes a consegui-lo e ele não tinha a certeza se esse facto o alegrava ou entristecia.

— Vamos — disse apenas, ao mesmo tempo que pensava:
«Ainda bem que Dom António me quer falar. Também eu tenho algo a dizer-lhe...»

Desceram por um caminho traçado na colina como um risco mágico. Era um trilho de seixos, limpo de ervas e de folhas caídas. Era surpreendente como estava sempre tudo tão limpo! Como se as folhas nunca caíssem, ou como se houvesse uma disciplina das coisas, naquele mundo de magia. Mas ele pudera já constatar, durante o tempo que ali estavam, que isso se devia apenas à higiene das próprias pessoas. A qualquer hora do dia ou da noite, chovesse ou fizesse sol, parecia haver sempre alguém a limpar. *Uma das coisas que esta gente, mais do que tudo, gosta de fazer*, escrevera ele a dada altura. *Parecem obcecados com a limpeza...*

João apercebera-se de que, sempre que um deles atirava lixo para o chão, logo alguém aparecia para o remover e tudo voltava a estar imaculado. E passou a ser mais cuidadoso.

Agora, andava a tentar perder o hábito de cuspir, o que antes fazia naturalmente e estivesse onde estivesse. Só não cuspia no chão sagrado de uma igreja ou na cabina de Dom António.

— Boavida, finalmente! — exclamou este, ao vê-lo. O facto de o chamar assim, algumas vezes, e outras apenas João, deixava-lhe sempre a dúvida de um dúbio sentido. Mas como era seu costume, ignorou esse pensamento, relegando-o para as profundezas da mente. Xiang estava como habitualmente ao seu lado, silencioso e como que abstraído. Nas últimas semanas, revelara-se de uma utilidade incomensurável... Boavida tinha a noção de que era uma carraça para ele. Não obstante, o pequeno homenzinho estava sempre pronto para o elucidar e esclarecer, naquele linguarejar que era uma mistura de português com chinês, mas que era o que mais se aproximava da língua pátria. As dificuldades eram superadas com o auxílio de gestos ou desenhos feitos na terra. Havia sempre uma forma de explicar uma dúvida, de satisfazer uma curiosidade e a sua inteligência parecia não ter limites. Cumprimentou-o com um aceno, sentindo por ele a admiração e a gratidão de sempre.

Dom Inácio acompanhava as operações de resgate mais adiante e não pareceu notá-lo. João afastou o sentimento de inimizade que o ligava ao outro homem e voltou-se para Dom António, a quem fitou com franqueza.

— Se tivesse sabido que desejáveis falar-me, teria vindo mais cedo — disse cordialmente.

— Sim, eu sei — respondeu o capitão, dispensando Rodrigo com um gesto e dando alguns passos pelo molhe. João percebeu que pretendia afas-

tar-se, de forma a estarem sós. — Todavia, tenho preferido que deambules por aí. O conhecimento que possas reunir desta terra será mais importante do que qualquer outra coisa... — acrescentou, com ênfase, olhando distraidamente para o mar.

Era um homem alto e magro, de aspecto austero. Vestia de escuro e trazia sempre as botas reluzentes. Usava espada e pistola e fitava João com um olhar entre severo e paternal. Um sentimento unia os dois homens, misto de respeito e amizade... No fundo, o que os definia era que ambos desconheciam o medo. O medo animal que assalta os homens ante o perigo e, entre os da própria espécie, os torna subservientes ou agressivos. Ambos os estados pareciam estar ausentes da mente de ambos.

O capitão sabia que, ao contrário de outros, João o respeitava, mas não o temia. Tinha sempre um ar ausente e apresentava-se perante ele como perante um igual.

— Dizei o que desejais de mim — disse João, fitando os olhos cintilantes do outro. Eram de um castanho indefinido e diziam pouco da sua implacabilidade. Não fosse ele ter testemunhado a forma como Dom António dominara a impetuosidade de um dos marinheiros, meia dúzia de dias antes, e poderia acreditar que aquele olhar era apenas distante, inacessível. Mas ele sabia que escondia muito mais... A forma como lançara mão da espada e estivera prestes a cortar, cerce, a mão do chinês revoltoso, fora a prova de que não brincava e era indiscutivelmente ele quem dava as ordens...

— Como vês, a embarcação está prestes a ser libertada — disse o capitão, esboçando um sorriso cândido, sinal de regozijo.

Há dias que os homens cavavam uma espécie de istmo em redor do navio adernado, de modo a libertá-lo das areias e dos limos. Para que de novo pudesse navegar, e voltar a casa, com a novidade dos novos territórios descobertos. Para glória de Portugal e de el-rei D. João III, pela graça de Deus, monarca do mais rico reino da cristandade.

— Estamos prestes a conseguir — repetiu o capitão, como se falasse sozinho. — Depois, há que reparar os danos e, se Deus Nosso Senhor quiser, em breve estaremos a rumar a casa. — O navio estava muito danificado e os trabalhos, muitos dos quais já iniciados, demorariam ainda entre uma e duas semanas. João olhou distraidamente para os dois canhões: da proa e da popa, a apontarem ao infinito e sorriu. O fascínio que tinham causado nos habitantes da ilha, bem como as pistolas e os mosquetes, fora algo de surpreendente...

— A Goa, quereis dizer...

— Sim, o porto mais próximo neste fim de mundo...

— Se exceptuarmos a nossa presença no Sul da China...

— Mas essa não é verdadeiramente uma presença. Enquanto não

nos conseguirmos implantar lá como na costa do continente indiano, faltar-nos-á sempre uma base segura. Bem, de qualquer forma, haveremos de o conseguir em breve, tal como conseguimos na Índia, nem que seja através da força.

— Claro... a força. — João parecia sempre avesso à força e esse pormenor era o único que desagradava a Dom António. Ali, bem como noutros locais perigosos, um homem devia estar sempre pronto a usá-la, costumava dizer-lhe. Mas ele sabia que aquele desagrado pelo seu uso não significava covardia ou falta de coragem. Tudo menos isso... apenas uma espécie de humanidade mais apurada. Seria essa uma das características de quantos escreviam; aquela geração de humanistas que irrompia por toda a Europa, como cogumelos num pinhal da sua saudosa aldeia?

— Bom, mas como te dizia, fazemos tenções de partir logo que tal seja possível.

— E é sobre isso que gostaria, também, de vos falar.

— Diz...

— Enquanto velejais para casa e preparais o posterior regresso a estas terras... eu... gostaria de permanecer aqui. Há tanta coisa a descobrir. Tantas coisas, novas, para conhecer e anotar, e, se pensardes bem, que falta farei nessa viagem?

O entusiasmo era evidente, quando falava daquele novo mundo, a que chamavam de Cipango, Terra do Sol Nascente, Nippon, ou ainda, do chinês, Jih-pen-kuo.

O capitão ficou por momentos pensativo, acabando por responder.

— Percebo as tuas intenções... No entanto, como farás para ser compreendido e compreender? Xiang recusar-se-á a ficar. Há dias que se nota a sua impaciência, bem como a dos demais companheiros. Apenas o facto de lhes termos prometido uma compensação pelos danos os tem mantido leais...

«Sim», pensou João, «isso e o quase terdes decepado a mão daquele infeliz, quando ousou questionar as vossas decisões, fomentando a discórdia e quase levando a tripulação ao motim. Ah, mas mesmo para mim foi algo belo de ver... Aninhou-se como um cão domesticado, e agora é um dos mais prestáveis... No entanto, até quando? Parecem tão falsos, estes orientais!»

— Não é necessário que ele fique — disse. — Nem tão-pouco seria capaz de lhe pedir tal coisa. Se bem percebestes, a relação entre a maioria dos japoneses e chineses não é muito amigável... — Era um facto. Como se ambos os povos alimentassem uma animosidade antiga, ancestral. — Ficarei sozinho. Tenho a certeza que conseguirei arranjar-me...

— Não será fácil, João...

— Sim, mas com a graça de Deus tudo se resolverá. Apenas estando só serei obrigado a aprender. Aguçarei o meu espírito... estarei mais alerta...

— Vou pensar no que me disseste.

— Dom António, sabeis que vos tenho em grande estima... Por tudo quanto tendes feito por mim...

— Ora, tens sido para mim o filho que nunca tive. Tens contribuído com a tua parte. — Os dois homens calaram-se. Nada mais havia a dizer, por enquanto. João não sabia ao certo para que tinha sido chamado; se para receber esta comunicação ou para ser testemunha do que estava prestes a acontecer.

Ao esforço dos homens, as madeiras do junco rangeram. Como um báculo aboletado na sua pocilga, o navio mexeu-se, voltou a ranger. Os homens acompanhavam o esforço com cânticos. Havia japoneses a ajudar os marinheiros chineses e o esforço conjunto teve finalmente resultados. O junco soltou-se, sacudiu-se como um cão molhado e ficou a flutuar na enseada.

O capitão proferiu algumas palavras de elogio e subiu a bordo. Boavida seguiu-o, enquanto os demais o olhavam com uma espécie de animosidade misturada com indiferença. Não conseguiam entender qual era o estranho papel desempenhado por aquele português arreadio. Dom Inácio há muito que tinha uma opinião formada; quanto a ele, João não passava de um poltrão vaidoso e convencido. De um imprestável, sempre ausente. Por ele, não teria vindo; o que fizera até então, ou nada, era a mesma coisa. Maldito fosse, que se comportava como um fidalgo, sempre ausente das tarefas pesadas que havia a realizar. E nem por isso deixava de ser o protegido do capitão... Uma espécie de filho pródigo, concluiu azedo.

A tempestade apanhara-os em pleno mar da China, ao largo da Coreia, numa rota exploratória que os levava a investigar a costa recortada daquele imenso continente, «em busca de novos destinos onde praticar o comércio, povos estranhos e, quem sabe, até os chamados *japões*», e durante dias empurrara-os cada vez mais para ocidente, fustigando-os com vagas de chuva intensa e ventos agrestes que haviam quebrado o mastro principal e atirado ao mar dois dos marinheiros da tripulação. Os marujos tinham sido, com a graça de Deus, resgatados e o temor de voltarem a cair aguçou-lhes a atenção. Apesar de experientes nas artes de marear, os homens estavam exaustos, à beira de perderem a esperança de se salvarem, quando, após uma noite especialmente difícil, escura de breu, excepto nos trovões que ecoavam de tempos a tempos e iluminavam as vagas alterosas, sentiram o fundo do navio encalhar, as madeiras a rangerem perigosamente, o adernar assustador e, por fim, uma espécie de silêncio que não sabiam que prenúncios lhes trazia. Depois, o trovejar mais intenso rasgou a noite, iluminando uma espécie de enseada, e eles souberam que estavam próximos de terra, talvez salvos, por intercessão de Deus, Nosso Senhor, e de Buda, e deram graças. O mar revoltado e traiçoeiro, naquelas paragens, caprichoso como o tempo, também chamado das monções, acabara de lhes pregar um susto a valer e todos agradeciam aos seus deuses a clemência manifestada, os portugueses agora mais do que nunca conscientes de que a navegação naquelas paragens dependia, em larga escala, das perfídias do clima... As monções, que tinham lugar um pouco por toda aquela região,

entre os meses de Junho e Julho e também Setembro, podiam, contudo, ocorrer com menor definição e de forma inesperada ao longo de todo o ano e não eram mais do que o resultado dos ventos sazonais que sopravam geralmente do oceano para o continente carregados de humidade. As tempestades, geradas pela conjugação das correntes, dos ventos e da intensa precipitação, decidiam naqueles mares a sorte dos marinheiros e das suas embarcações. Como um demónio feroz, ou um deus inclemente... «Foi o Altíssimo que nos salvou», pensou uma vez mais, sentindo o quanto eram criaturas indefesas, naquele vale de lágrimas que todos trilhavam até ao derradeiro momento...

Quando o dia nasceu, verificaram que estavam mais próximos de terra do que haviam pensado, encalhados em plena enseada. À vista da embarcação havia já uma multidão de homens, mulheres e crianças, de traços orientais, que se juntava, curiosa, falando numa estranha língua. E souberam que se tratava do lendário Japão, terra de sanguinários guerreiros a que chamavam samurais, quando avistaram o homem que montava um cavalo claro, de estatura inferior à dos portugueses. Tinha uma pose altiva, sobre a montada, e a sua chegada fez calar todos quantos se encontravam na praia que se curvaram. Envergando um estranho vestuário, espécie de túnica, e armado de espadas, fitava a embarcação de olhar severo, uma das mãos fechada nas rédeas da montada, outra no punho da espada, numa atitude de senhor ou rei. A cabeça estava escanhoada no topo, enquanto um longo rabicho lhe tombava sobre os ombros. Era jovem, entre vinte e cinco e trinta anos, e questionava os presentes, presumivelmente tentando colher informações. Os olhos rasgados brilhavam selvaticamente e eles perceberam que estava irado. A sua expressão só foi substituída por outra, de incredulidade, quando desceram do navio e pisaram terra firme.

Em pouco tempo souberam que se tratava do governador da ilha, Okamoto Souji, senhor feudal e samurai que visitava a aldeia piscatória, parte do seu feudo, vindo de um ponto mais distante onde habitava, e que aquela era uma das ilhas de Cipango, de nome Tanegashima, situada na costa oriental de Kyushu, uma das quatro mais importantes do arquipélago e a terceira em dimensão. Shikoku era a mais pequena e Honshu, a maior, onde o imperador residia. A mais distante ficava a norte, e chamava-se Hokkaido. O arquipélago dividia-se ainda em feudos ou senhorios que prestavam vassalagem ao Senhor Supremo e Imperador do Japão, o Filho do Céu.

...

Transportam sempre consigo duas espadas, uma mais longa a que chamam Katana, usada na luta corpo a corpo e outra mais curta a que dão o nome de Wakizashi, com que rasgam a barriga, quando uma falta ignominiosa os proíbe de continuarem a servir com honra o seu senhor. A essa forma de suicídio ritualizado chamam os homens seppuku e as mulheres haraquiri, que se distinguem por cortarem a garganta — registou, após explicação de Xiang.

As novidades iriam suceder-se, à medida que iam conhecendo melhor aquela terra e o povo que a habitava, e algumas eram a todos os títulos surpreendentes. Como a estranha forma como comiam, levando os alimentos à boca com a ajuda de dois pauzinhos, a que chamavam *hashi*, processo difícil e inusitado, que ficava entre o talher ocidental e as mãos da maioria dos povos pagãos que os Portugueses tinham entretanto descoberto.

Ou a predilecção exagerada e doentia que tinham pelos banhos, este um hábito muito mais difícil de encontrar, e que parecia evidenciar uma natureza feita de cisma e presunção. Pois, como podiam eles ignorar o perigo que estava por trás de cada banho tomado? Uma corrente de ar inesperada, ou a entrada de água no organismo, por um dos seus inúmeros orifícios, podiam muito facilmente conduzir à morte...

A ausência de mobiliário semelhante ao ocidental fora outra das constatações que muito os surpreendera. Os lares japoneses, simples e parcamente mobilados, não possuíam cadeiras, ou mesas altas, como as que os Europeus tinham nas suas habitações. Pelo que comiam e escreviam em mesas baixas, sentados ao rés do chão, como simples negros de senzala, não fosse o pormenor de as casas onde viviam serem meticulosamente encaixadas na paisagem e imaculadamente limpas.

Mas o que *mais* os espantara fora a inexistência de armas de fogo, num país onde havia apenas espadas e arcos e uma espécie de feudalismo exacerbado, em que o senhor, mais do que dono das terras, era dono das vidas dos que o serviam. Isso mesmo puderam testemunhar, no dia seguinte ao da sua chegada, quando um velho, entre outros supliciados, foi executado por ordem do tal Souji, e souberam que aquela era uma das razões para o homem estar ali, na companhia do seu séquito; viera para fazer a sua justiça, à semelhança de qualquer outro senhor feudal... Qual fora a falta cometida pelos quatro infelizes?, perguntou a Xi. Este, depois de indagar em volta, soube que o velho fora condenado à morte porque ousara roubar um cesto de arroz para alimentar a família. Os outros, apenas porque tinham escondido o crime. Por fome, Deus bendito, tudo por fome, malditos fossem... E que culpa era aquela, de ter visto e não ter relatado? Que mundo era aquele onde se condenavam, indiscriminadamente, inocentes e culpa-

dos? E então Xi explicara que aquela era uma prática deles; acusavam de igual modo o que praticara um determinado crime e o que, sabendo, não o relatara às autoridades. Deus, que mundo de loucos! João ainda sentia o mesmo calafrio a percorrê-lo, sempre que recordava o macabro momento. Ele vira o senhor Souji, lá na praça central da aldeia, à vista do pequeno santuário que aí existia, postado como um deus vingativo, o rabo assente em almofadas, sobre um estrado, a observar atentamente o carrasco a sacar da espada e a decepar o velho, numa fracção de segundo, com a indiferença de quem afasta uma pedra do caminho. E logo depois, os restantes. E tudo isto sem pestanejar! Apenas quando a matança havia terminado se ergueu e ordenou que os corpos fossem pendurados, para exemplo dos passantes e para que os corvos pudessem banquetear-se com as suas entranhas. As cabeças foram simplesmente lançadas aos cães vadios, que se alimentaram delas. Só no dia seguinte retiraram os cadáveres e os queimaram numa pira de madeira, erguida ali mesmo, no largo. A fogueira ardeu durante um dia inteiro, uma noite e parte de outro dia e, no fim, ainda havia ossos calcinados, que foram recolhidos e enterrados num buraco fundo, aberto longe da aldeia. «Malditos impiedosos e sádicos», amaldiçoou-os. «Não fosse o facto de estar aqui e pensaria que se tratava da maldita Inquisição.»

Dom António, que ofertara ao senhor da terra um par de mosquetes e de pistolas, arrependeu-se ao ver a selvajaria com que mandara executar o pobre velho e os seus companheiros inocentes...

Mas a dádiva estava feita e não havia como voltar atrás.

Como podia alguém ter para com a vida de outrem tamanho desdém? A forma como tudo acontecera, o silêncio que se seguira, a ausência de contestação ou desagrado tinham-no desconcertado, como se aquele acto fosse tão normal como comer ou fornicar. E depois, a forma natural como a lâmina fora limpa e de novo enfiada na bainha... a areia alisada, como se nada tivesse, afinal, ocorrido, não fosse o facto de durante o resto do dia e princípio do outro *eles* terem estado lá, para que os *demais* pudessem vê-los e não esquecessem...

Ele que vira já tantos homens serem mortos ao longo da sua curta existência de vinte e três anos, julgava-se habituado à morte, mas aquelas tinham-no deixado estarecido e tomado de surpresa. Talvez, não tanto pela do velho, mas pelas dos outros, que considerava gratuitas, sem nenhuma finalidade senão a de cortar o fio de uma vida como quem se assoa ou cospe para o lado. Quem matava assim, indiscriminadamente, culpados e inocentes? E isto por simples capricho, ou porque eram afinal uns grandes filhos da puta, sem entranhas, altivos e orgulhosos a pontos de se acharem deuses? Que povo era aquele que encorajava a denúncia?, perguntara-se, as entranhas a revolverem-se dentro dele de forma desagradável. Mas logo

o assaltara o pensamento de que estava a ser tendencioso e parcial, já que no seu mundo tal prática era também corrente. Muitas vidas eram tiradas, no Ocidente, unicamente porque os doutores da Igreja também encorajavam a denúncia, como forma de manterem os fiéis dominados... Outras, tão-somente porque um conde ou um duque resolviam sumariamente pôr em prática a sua justiça, ou porque um juiz mal-humorado assim o determinava...

As suas casas são quase todas de madeira e (curiosamente) de papel impermeável e a maioria tem telhados de colmo, curvos, diferentes de quantos vi até agora. Há, contudo, algumas mais abastadas que são cobertas por telha — escreveu ele uma daquelas noites. — Em torno, têm normalmente estranhos jardins, construídos de modo a que se pareçam com recantos intocáveis da Natureza. De tal forma misturam a sensação de caos com a de ordem que se tornam, aos olhos do visitante, verdadeiras obras de arte. Muito diferentes dos nossos, que organizamos de forma geométrica, tudo definindo de modo a respeitarem simetrias e esquadrias.

Pergunto-me como conseguem viver em casas tão frágeis, mas a verdade é que são agradáveis e muito limpas. Tudo parece estar na sua ordem e é um prazer viver nelas.

Não podemos, porém, adentrar sem nos descalçarmos, o que no início me causou alguma estranheza e mesmo desgosto; mas agora percebo que só desta forma as conseguem manter imaculadas.

Como não seria se tivéssemos hábitos semelhantes na Europa!

Depois de ver o navio ser resgatado à areia da enseada, João regressara à sua casa, desejoso de estar só, longe dos seus companheiros, que continuavam, na sua maioria, a nutrir por ele um sentimento de antipatia que não conseguira ainda compreender. Talvez fosse o facto de facilmente trocar as tarefas mais pesadas por aquelas de ler e escrever... Não o fazia por preguiça ou desleixo, pois, em mais de uma ocasião, unira os seus esforços aos dos demais, quando houvera que lutar contra o infortúnio. No entanto, pelo prazer que lhe proporcionavam, trocava com facilidade todas as ocupações por aquelas.

Considerava-se um afortunado, ao ter podido aprender a ler e a escrever desde muito cedo, ajudado pelos auspícios de um tio frade que o amparara durante os primeiros anos da sua vida. Por isso, apenas lhe restava agradecer à sua boa estrela enquanto tentava compreender essa animosidade, cuja razão talvez se devesse à tendência que tinha para se isolar. Não

porque se sentisse superior, mas porque necessitava de estar só para meditar e escrever. Só a solidão permitia que um homem se encontrasse com a sua própria consciência. Gostava das pessoas na medida em que cada ser humano era único, logo um autêntico tesouro, e o que cada um tinha para transmitir ao mundo, uma pérola de saber. Por isso o seu respeito pela vida humana como um dom frágil era tão forte, tão vincado. Teria sido a sua educação religiosa a responsável por esse sentimento? Talvez... O seu tio, Asdrúbal Boavida, tinha sido um homem piedoso, que lhe ensinara desde muito cedo o valor da vida. Afável, de voz clara e límpida, transmitira-lhe pacientemente os inúmeros exemplos da História em que o valor supremo havia sido violentamente desrespeitado. Como aquele primeiro e inicial em que Herodes ordenara a morte dos primogénitos, como forma de extirpar uma ameaça ao seu poder; a do Deus Menino, enviado ao mundo para salvação dos homens... Ou aquele outro, dos mártires de Roma, lançados às feras pela única razão de professarem uma fé que ofendia o poder terreno de homens sem escrúpulos. Ou... havia, afinal tantos... e tantos mais, testemunhados por ele próprio ao longo da sua curta existência... A vingança e o capricho andavam de mãos dadas... Ele não esquecia a facilidade com que o sopro vital era extinto, naquele mundo violento e tantas vezes alienado de Deus, por mais que os homens apregoassem a sua devoção e o amor ao próximo. Aquele não era certamente um mundo de amor e respeito, mas um mundo sanguinário, onde o que contava era o lucro, o ganho, quer se tratasse de ouro, quer de influência. Pelo poder, os seres humanos estavam dispostos a tudo; até a matarem a própria mãe, se necessário fosse. Mas isso era também o que fazia da vida algo de tão fascinante; a sua precariedade, o facto de ser tão efémera! Como dissera alguém, se a morte não viesse tolher-nos os dias, a maior parte das vezes de forma inesperada e surpreendente, que magia haveria no mistério do dia seguinte? E era isso, precisamente, o que o fazia dar graças, todos os dias, pela surpresa de despertar vivo e inteiro...

Uma criada veio recebê-lo e indicou-lhe o local do banho, ao que aceitou, grato por poder limpar-se do suor e do mal-estar que o cobriam. Estranhamente, apesar de não ter hábitos de higiene tão arreigados como os locais, e de no passado ter recorrido ao banho completo apenas uma meia dúzia de vezes, sentia-se conquistado por aquele novo costume. Talvez fosse o aspecto imaculado de tudo, o que o impelia a preocupar-se também com a sua própria limpeza, ou a consciência súbita do seu próprio mau cheiro, perante o aspecto perfumado e limpo dos seus anfitriões, o facto é que já se rendera ao banho diário e, tal como uma criança fascinada, despia-se e imergia na água morna como se de um leito se tratasse, para sair depois renovado, leve como uma pena. Apenas a vergonha da sua nudez ainda o

ruborizava um pouco (os Japoneses tinham o estranho hábito de designarem sempre alguém para os auxiliar), mas estava a habituar-se, pois verificava que, passada a primeira curiosidade suscitada pelo seu corpo, já ninguém parecia reparar nele. O facto de o ter coberto de pêlos, e o tamanho do seu sexo, tinham causado algum humor nos primeiros dias, mas agora já todos pareciam indiferentes ao seu aspecto. O que mais o constrangia era o facto de empregarem tanto homens como mulheres naquelas tarefas. Frequentemente, uma ou mais criadas ensaboavam-no, esfregavam-no durante longos minutos e por fim limpavam-no, espalhando-lhe depois óleos perfumados pelo torso, peito, pernas e braços, enquanto ele se cobria envergonhado. Este cerimonial era sempre complementado por uma massagem calmante. Isso, mais do que tudo, era o que parecia revigorá-lo.

Daquela vez, inesperadamente, assaltou-o a lembrança de que havia já muitos dias que não conhecia mulher e, sem conseguir controlar-se, sentiu o seu próprio volume aumentar entre as pernas, o que o envergonhou. Mas a solicitude com que uma das raparigas se despiu e colocou sobre ele, deixando-o penetrá-la, perante o sorriso quase indiferente da companheira, desconcertou-o, e não fosse o desejo avassalador que o dominava, teria saído a correr. À explosão de prazer, vigiada pelo permanente sorriso da mulher, seguiu-se a naturalidade com que o desmontou e compôs o quimono, retomando as suas tarefas, como se nada se tivesse passado.

Mais tarde, deitado no seu leito sobre o chão, feito de esteiras e acolchados chamados futons, enquanto esperava que o sono chegasse, recordou aquele surpreendente acontecimento ainda sem conseguir compreender.

No dia seguinte, cruzou-se com a rapariga, mas a sua indiferença desconcertou-o. Era natural e em nada afectada...

Os Japoneses não comiam carne, nem lha serviam a eles; apenas peixe cru ou grelhado, raramente frito, acompanhado de papas, legumes cozidos ou arroz. João comera já algumas vezes arroz, enquanto estivera na Índia e na China e o seu gosto não lhe era completamente desagradável, no entanto, teria preferido de longe um punhado de castanhas. Quanto à carne, valia-lhes a pouca que ainda restava nas barricas guardadas no interior dos porões, salgada e pouco saborosa, mas de repente tão preciosa que todos desejavam deitar-lhe o dente. Ele desistira rapidamente de ir ao navio pedir o seu naco e estava a habituar-se aos alimentos locais, feitos à moda local. Afinal, qual não fora já o marinheiro que num momento de aflição não tinha comido peixe cru? Para ajudar, colocavam sobre ele uma variedade de molhos picantes, que lhe realçavam o gosto e disfarçavam o aspecto. Havia ainda uns estranhos rebentos, ditos de soja, rabanetes, cenouras e ce-

bolas e uns pepinos verdes minúsculos conservados em vinagre adocicado e de gosto duvidoso, mas aos quais ele se estava a habituar. . .

Aprender o japonês era o mais difícil. Mas com vagar e estoicismo, ia registando no seu diário a sonoridade das palavras e como proferi-las de forma correcta. Tratava-se de uma espécie de dicionário com dezenas de instruções e notas e, às iniciais frases e expressões, rapidamente se juntaram outras como: mar, barco, árvore, casa, braço, rosto, nariz, olhos, cabeça, perna, doença, dor, boa-noite, com licença, hoje, agora, amanhã, logo, e uma infinidade de outras, que ia acrescentando, à medida que lhe surgiam ou lhe eram explicadas. . . O estudo ocupava-lhe muitas vezes parte da noite, de que aproveitava o silêncio da casa e a reclusão dos seus aposentos. Mas era durante o dia que registava todas as palavras novas, curiosidades e dúvidas utilizando para isso um fino aparo de carvão e um pequeno bloco que trazia sempre consigo.

Bom-dia é ohayô gozaimassu, boa-tarde é konnichi wa e boa-noite, konban wa, agradeço é arigato, sim, hai, não é iie, domo é olá, dozo, por favor, água, mizu, onna é mulher, ima, agora, kinjiru, proibido. . .

Os habitantes da aldeia, já habituados ao seu estranho frenesim e curiosidade insaciável, prestavam-lhe pacientemente todos os esclarecimentos, sorrindo ante a sua ignorância e a incapacidade, muitas vezes, de perceber o que lhe diziam. Estranhamente, as crianças eram aquelas que melhor compreendiam as suas dúvidas e que mais facilidade tinham em esclarecê-lo, e quando o viam ao longe, vinham logo a correr, à espera das novas perguntas.

Chamavam-lhe Joan e tratavam-no por San — senhor —, Joan-san, o que muito o fazia sorrir.

Tratam-nos por San ou Sama, o que quer dizer, unicamente, senhor — registou ele, com interesse. — É deste modo que tratam todos os que pertencem ao estrato superior dos senhores e samurais. A nós parecem fazê-lo pelo respeito que têm para com os hóspedes, que muito consideram.

Era óbvio que a senhora estava grávida e que o seu tempo estava no fim. João Boavida teve a certeza disso quando naquela noite a confusão se gerou em casa. Adormecera há pouco e o despertar súbito deixou-o meio zozno. O amanhecer vinha ainda longe, quando o burburinho se instalou. Não havia gritos ou algazarra, como seria de esperar numa casa no Ocidente, apenas uma azáfama controlada, um vaivém que transformou a noite em dia. Um médico fora chamado e dezenas de lanternas tinham sido acesas,

dentro e fora da casa. Ele estava ali, olhando apenas, como se fizesse parte de um sonho, ignorado por todos. Mulheres passavam trazendo recipientes com água quente; *shoji* eram abertas e logo fechadas. Depois, houve o cheiro a sangue, no vento, um vagido de criança e ele sorriu. Alguém passou e ele quis trocar uma palavra, questionar sobre como tudo acontecera, mas aquele rosto fechou-se e ele percebeu que algo não correria bem. A noite arrastou-se até que, por fim, milagrosamente, houve uma paz quase irreal que se instalou. João queria compreender o que se estava a passar e então abriu uma daquelas portas de correr e espreitou para dentro do cómodo. Em torno de uma mesa baixa, mulheres e homens bebiam chá distraidamente sentados sobre os próprios calcanhares, em cima de esteiras. Mas ao mesmo tempo era como se houvesse uma nuvem no meio deles.

— Está tudo bem? — perguntou ele em português, sabendo imediatamente que ninguém compreendia o que dizia. No entanto talvez fosse pela entoação, ou pela expressão no seu rosto, o que é certo é que alguém disse:

— Carma, *neh?* — De seguida estenderam-lhe uma chávena e ele percebeu que lhe ofereciam chá, a bebida amarga e quente que passavam a vida a beber¹.

Aceitou e todos pareceram imediatamente ignorá-lo. Depois, o médico saiu, não sem antes dirigir algumas palavras aos presentes. Não ia pesaroso nem demonstrava desagrado, mas havia algo na sua postura que o deixava apreensivo... Percebeu que algo não correria pelo melhor. Mais tarde, a senhora saiu, também. Vinha pelo seu próprio pé e trazia nos braços o pequeno embrulho. Ninguém, excepto ele, a olhou; era como se todos fi-

¹ *Este costume japonês de beber chá frequentemente, como outros povos bebiam leite ou álcool, que João estranha no início, era mais um dos muitos importados da cultura chinesa, neste caso no século IX por um monge budista, chamado Eichu, que se limitou a trazer a erva de que era extraído, e tinha o seu mais elevado requinte numa cerimónia chamada chanoyu — o caminho do chá —, cerimónia inicialmente conotada com práticas religiosas e por isso mesmo realizada por monges. Era tão elaborada e envolvia o domínio de tantas disciplinas — arranjos florais, poesia, entre outras — e utensílios, chamados dogu — literalmente ferramentas —, que eram necessários anos de treino, antes de ser possível dominar toda a técnica, requinte e perfeição de movimentos.*

Cada cerimónia chegava a durar quatro horas, no entanto apenas um momento muito especial, por vezes revestido de alguma religiosidade — como fosse uma reconciliação, uma oferta entre amantes ou qualquer outro que o seu promotor pretendesse evocar —, era objecto de tal dedicação e requinte.

Por norma, o chá era tomado sempre que havia uma visita ou quando um encontro tinha lugar, oferecido pelo anfitrião ao visitante, ou casualmente durante o dia, entre familiares de uma mesma casa, tal como no Ocidente era habitual beber um copo de vinho ou licor. [N. do A.]

zessem por ignorá-la. Passou altiva a caminho do jardim das traseiras e ele percebeu que era o cadáver da criança que levava consigo. Ergueu-se curioso e seguiu-a, pé ante pé. Ninguém pareceu dar por ele; todos continuavam a conversar, amenamente. No horizonte, o dia começava a raiar.

Então, viu a mulher cavar um buraco e enterrar o pequeno nado-morto. Depois, como se nada se tivesse passado, dirigiu-se cambaleante para casa.

Quando a manhã chegou, tudo parecia normal e ele perguntou-se se na verdade teria sonhado. Mas a ausência de barriga e da criança e aquele local no recanto do jardim, eram a prova de que não tinha sonhado.

As mortes na sua terra natal eram também frequentes, mas o que o chocou foi a impassibilidade da mãe e de todos os outros. Como se ninguém se importasse. Como se aquela morte não fosse, afinal, importante. Nem um ai, nem um lamento. Não houve sequer uma bênção, um pedido à intercessão divina, nenhum choro.

A sua curiosidade fez com que interrogasse uma das mulheres da casa. Por gestos, ela explicou-lhe que a criança nascera deficiente. Depois, exemplificou de que modo a mãe a sufocara com uma almofada. Receou não ter entendido. Pediu que lhe voltasse a explicar e a percepção da verdade foi a mesma. Ela voltou a fazer um esgar e torceu o corpo, mostrando que não era direito. Depois, demonstrou com um gesto a sufocação, mas ainda assim ele não teve a certeza de haver compreendido.

— *Honto?* — É verdade? — perguntou, lembrando-se da palavra em japonês.

— *Hai, Joan-san, honto, gomen nasai, namu Amida Butsu, honto... Wakarimasu ka?* — Sim, Joan-san, é verdade, sinto muito, em nome de Buda Amida, esta é a verdade... Compreende? — disse a mulher, mas mesmo não apreendendo a totalidade das suas palavras, soube que ela dizia a verdade. Em nome daquele Buda que reverenciavam. Malditos hereges!

Como era possível?, perguntou-se, estupefacto com a violência dos factos, a verdade atingindo-o como um murro em pleno rosto, e ele fechou os olhos, aspirando o ar como um náufrago.

— *Nanigoto da, Joan-san?* — O que é que se passa? — perguntou a mulher, ante a sua aflição.

— *Íie!* — Não! — disse ele, afastando-a rudemente, sem saber como explicar que aquela verdade o revoltava.

Simplesmente a mãe tinha matado a criança porque não era perfeita?! Sentia-se chocado. Mas depois lembrou-se de que lá no seu mundo não era raro acontecer o mesmo. Um aleijado era sempre um fardo para a fa-

mília, uma boca a mais para sustentar... Não faltavam histórias e rumores nas aldeias recônditas do seu Norte, sobre mães amarguradas que ousavam substituir-se a Deus. Ele ouvira dezenas dessas histórias, duvidando sempre de que pudessem ser verdadeiras, pelo menos no sentido em que ele conhecia a verdade; porque havia sempre forma de contornar a verdade, de usar as palavras para confundir as razões. Além disso, quem se importava, afinal, quando a morte era apenas uma questão de tempo? Para muitos restava aquela consolação: antes morrer anjo, inocente, do que mais tarde ser levado por um qualquer infortúnio dos muitos que assolavam os homens, naquelas terras esquecidas pelo Altíssimo... De todas as vezes em que estes rumores tinham corrido pelas aldeias, ele recordava-se dos olhares fechados, dos rostos que se desviavam, como se a culpa fosse partilhada, ou apenas como forma de dizer que não era assunto que lhes dissesse respeito. As pessoas sabiam como sair do embaraço, incólumes e limpas de culpa. Oh, como sabiam... Afinal que útil não era aquele poder dos homens de batina de, perante o arrependimento, fingido ou verdadeiro, conferirem o necessário perdão... Sim, como no fundo eram os homens tão semelhantes, quer fosse ali, quer fosse a milhares de léguas de distância, pensou. De qualquer maneira, odiou aquele povo mesquinho que se comportava como se nada de importante tivesse ocorrido, quando a vida daquele inocente lhe havia sido retirada. Como se, simplesmente, se matasse um rato, um pequeno animal desprezível...

A rudeza dele voltou a chocá-la e a mulher questionou-se sobre a razão que levava os estrangeiros a terem tão maus modos. Desde que tinham chegado que a harmonia, a *Wa* da aldeia, estava ameaçada. Eles simplesmente desconheciam as mais elementares regras de convivência e respeito. Por tudo e por nada rugiam a sua fúria, como demónios, maus *kami*, espalhando o caos, como um sopro malévolos. Não paravam de disparar os seus mosquetes sobre todo o animal que mexesse ou ave que cruzasse os céus. Até as gai-votas pareciam pairar agora à distância, como se se sentissem ameaçadas. E como se não bastasse, ainda tinham o hábito ignóbil de se alimentarem de carne... Ah! O senhor Souji tinha de fazer alguma coisa rapidamente, pensou ela, ou então acabariam todos por dar em loucos.

A esperança era a de que partissem em breve. Na realidade ela ouvira contar, por alguém que ouvira dizer na aldeia, que os bárbaros estavam para partir nos próximos dias. Dizia-se que o seu navio tinha sido libertado e que procediam agora aos últimos arranjos para poderem finalmente fazer-se ao mar.

«Por favor, Buda», pensou a mulher, «faça com que isso esteja para

breve, pois a nossa paciência corre o risco de se esgotar. E o que será de nós, caso tal aconteça? Sem paciência perderemos a nossa educação e, então, tornar-nos-emos semelhantes a eles: bárbaros sem modos, rudes... Livrai-nos desse mal, dessa vergonha.»

Pois bem, que partissem rapidamente e que um *kamikaze* os conduzisse para bem longe dali... pela paz e o sossego de todos.

Têm um vinho, a que chamam saqué, feito a partir de arroz fermentado, e que é bebido quente — escreveu. — No início, estranha-se o gosto e a calidez, visto que estamos habituados a beber os nossos vinhos frios ou frescos, mas com o tempo aprende-se a gostar do paladar e mesmo da mornidão que nos deixa na boca. Estranhámos muitas coisas, quando pusemos pé nesta terra; costumes e procedimentos que parecem só existir aqui, como se este lugar pertencesse a um outro mundo, mas o tempo acaba por nos ajudar a compreender e mesmo a aceitarmos alguns. Apenas a sua relação com a vida é algo de completamente incompreensível e inaceitável. Sinto ainda o choque causado por saber que pelo menos alguns deles matam os filhos que nascem com alguma deficiência, numa espécie de selecção divina, que vai contra todos os princípios cristãos do amor e da caridade. A indiferença com que o fazem é ainda mais chocante, visto que são as próprias mães que executam os filhos, sem aparente remorso. “Carma”, dizem, e enterram-nos nas traseiras da casa, como se cães fossem. Nem uma bênção lhes é dedicada, nenhum monge vem benzer ou assistir ao funeral, como se fossem apenas fardos sem alma... Nada disse ao capitão, do que aconteceu. Anda muito ocupado com a recuperação do navio. Mais alguns dias e pretende fazer-se ao mar. Estou à espera da sua resposta em relação à proposta que lhe fiz. Há tanto para compreender!

A iminência da partida levava agora João todas as manhãs até ao areal, onde os homens demonstravam, nas tarefas de aprontamento, a azáfama e o desejo de encetarem o caminho de regresso a casa. Desde que o navio havia sido posto de novo a flutuar, que todos os marinheiros, incluindo o capitão, se tinham recolhido a ele, deixando definitivamente as casas que os haviam hospedado durante os primeiros dias. Apenas ele permanecia na colina, por uma espécie de passividade ou recusa de regressar. Como Dom António mantinha silêncio sobre essa decisão, ele abstinha-se também de falar dela. Os seus anfitriões continuavam a recebê-lo com o mesmo acolhimento e, como tal, ele ia-se deixando andar assim.

Naquela manhã, o capitão chamou-o à parte para lhe comunicar:

— Amanhã, regressaremos... Asseveram os chineses que se não o fi-

zermos agora, será tarde e sofreremos as influências das monções, muito adversas nestas paragens. — Disse-lhe aquilo de forma contida, mas ele conseguiu perceber a euforia que intimamente sentia.

Soltou um suspiro.

— Quero dizer-te que pensei na tua proposta — continuou, após alguns instantes — e resolvi aceder ao teu pedido. Não só por ser teu desejo, mas também pela importância que terá para a coroa, e para nós — realçou, piscando o olho — a tua permanência. Desta forma não se quebrará o laço, até que outro navio *nosso* regresse, além de que poderás estudar melhor os hábitos, os costumes, e, mais importante, a língua desta gente que tantas dores de cabeça nos tem causado, no dia-a-dia. Imagina podermos, no futuro, recorrer a um tradutor nosso, e não a qualquer outro de duvidosa lealdade...

João respirou fundo, aliviado com a resolução. Partir agora, concordava, seria uma má medida, um retrocesso no conhecimento que já tinham daquele lugar, e a decisão de Dom António só demonstrava que era um homem avisado.

— Durante o tempo em que tardar o regresso dos nossos, deverás tudo estudar, de modo que possamos compreender melhor a forma de pensar e, também, a língua com que comunicam entre si — concluiu Dom António, como se tivesse partido dele aquela decisão.

— Agradeço-vos.

— Não me agradeças. Não será decerto tarefa fácil a que te destino. É por isso também que te tenho deixado viver entre eles — confessou, revelando ainda: — Esta noite, solicitarei ao senhor da terra autorização para permaneceres entre eles.

Na manhã seguinte quando a âncora do junco foi erguida, todos a bordo puderam constatar que o senhor Souji se encontrava na praia em companhia de um pequeno séquito. A forma como aceitava a permanência de João retirou ao caso qualquer equívoco, e Boavida aprestou-se a regressar à casa da colina.

O navio acabara de desaparecer no horizonte quando ele chegou ao cimo da colina, onde o esperavam os seus anfitriões. Por momentos sobressaltou-se, mas rapidamente percebeu que aquela era, afinal, a forma de reafirmarem publicamente a sua hospitalidade; transmitir-lhe que era um hóspede muito honrado e motivo de orgulho continuarem a alojá-lo na sua humilde habitação. Isso mesmo foi o que lhe comunicou o dono da casa, e apesar de ele não ter compreendido na totalidade o que dissera, conseguiu aperceber-se pelos gestos e pelas expressões de que se tratava efectivamente de um comité de boas-vindas.

Respondeu-lhes com uma vénia, enquanto se retiravam.

Uma criada surgiu, como por magia.

Era meio da manhã e ele disse:

— Banho.

Ela respondeu simplesmente:

— *Hai*, Joan-san!

Deitou-se no banho, sentindo-se como dentro de um sonho. Nem só, nem triste, apenas ausente. Distante, como se não fizesse parte daquele mundo. Como aliás não fazia; mas o que sentia era uma espécie de adormecimento. Como quando, perante a morte de alguém que amamos, permanecemos incapazes de chorar, de soltar a nossa dor, pensou ele.

O capitão tinha-lhe dito pouco antes de partir:

— João, se quiseres, ainda estás a tempo de repensar a tua decisão...

— A decisão foi tomada há muito — corroborara ele. — Mais do que nunca, tenho a certeza que é isto que quero.

— Ótimo, se assim é, fica com Deus. Logo que possamos, estaremos de volta.

— Façam boa viagem — desejou ele, sinceramente, pensando nos perigos do mar, e proferindo mentalmente uma prece por todos, inclusive por Dom Inácio, que se manteve à distância e nunca, em momento algum, se aproximou para lhe falar, apesar de lhe ter esboçado um gesto de despedida. Nos últimos dias, a animosidade parecia ter aumentado. Porque é que nunca simpatizara com ele?

Que se danasse!

Dom Inácio era um homem pequeno, rosto de fuinha, um verdadeiro furão para todos os assuntos que tivessem a ver com comércio. Pelo que João sabia, tinha ainda nas suas veias um pouco de sangue judeu, o que talvez fizesse dele um ser atormentado e desconfiado com o mundo.

O relacionamento entre os dois começara mal logo no primeiro instante em que se tinham conhecido. João encontrava-se em Goa há pouco mais de um mês, quando alguém lhe referira que havia dois comerciantes que procuravam voluntários para uma viagem de negócios ao Sul da China. Ele resolvera apresentar-se aos dois sócios, que se encontravam no porto, onde procediam à selecção dos marinheiros que se apresentavam. Quando chegou a vez de João, Dom Inácio perguntou-lhe:

— O que sabes fazer, meu rapaz?

— O que quer que eu faça? — perguntou ele, sorrindo, pois algo naquele rosto afilado o enervava.

— Sabes dançar? — perguntou o outro, provocador.

— Se não for com Vossa Mercê...

Os olhos de Dom Inácio deitaram chispas.

— Para que é que estás aqui? — interrogou-o.

— Ouvi falar numa viagem ao Sul da...

— Não é para ti — interrompeu-o o outro, sorrindo, escarminho —, não tens estofos de marujo.

— Talvez, mas há anos que o sou e nunca ninguém se queixou...

— Enganaram-se na avaliação. Há anos que ando nesta vida e nunca me engano. Reconheço logo um impostor quando o avisto.

João sorriu.

Foi então que Dom António interveio:

— O que mais sabes fazer para além de lidar com o mar, rapaz?

A pergunta era franca, o rosto aberto. O rosto de um homem honesto e corajoso. Foi então que aquele pensamento o assaltou: «Como é que estes dois homens podem ser sócios?»

— Sei ler e escrever — anunciou.

— Ler e escrever? Hum, isso é ótimo... Inácio, encontrámos o que procurávamos. O nosso escrivão. Só espero que não tenhas sorte semelhante à do outro, rapaz — disse sorrindo. Mais tarde, João veio a saber que o homem tinha sido morto numa rixa por um rabo de saias.

O companheiro rosnou mas não disse nada. E João foi contratado. Passou a fazer o registo de todos os negócios. Redigia ainda cartas e outros documentos oficiais, o que lhe permitiu descobrir que o comércio naquelas paragens ia de vento em popa e gerava grandes lucros.

«Como é que aqueles dois se conheceram?», perguntou-se pela milionésima vez. Lembrava-se de Dom António ter referido um dia que Inácio já lhe tinha salvado a vida. Mas não quisera explicar como e ele não insistira. Tinha sido isso a ligá-los? Talvez, que importância tinha isso agora? Estava ali, afastado do seu mundo e prestes a iniciar uma viagem que — acreditava — o iria lançar na experiência mais fantástica da sua vida. Conhecer por si só uma civilização desconhecida do resto do Ocidente. Conhecê-la e registar tudo o que houvesse a registar acerca de hábitos e costumes, cultura, língua e religião...

Souji havia enviado o seu conselheiro a casa da família de Sakamoto, naquela manhã, a fim de lhes comunicar que continuariam a dar alojamento ao estrangeiro Joan-san. Esta comunicação que contrariava todas as notícias que referiam como certa a sua partida foi recebida sem deixar transparecer o sentimento que provocava.

O facto de alojarem um estranho há muitos dias não era um fardo fácil de suportar, sobretudo quando denotava hábitos bem diferentes dos seus, tanto no que dizia respeito à forma de vestir, de estar e de falar, como também em relação à própria maneira de manifestar a sua energia no interior da habitação. Mesmo que tivesse aprendido rapidamente o hábito de tomar banho e não discutir acerca da comida que lhe era servida, o estrangeiro comportava-se ainda como um bárbaro sem modos e, no essencial, sem educação. Passava pelo altar da casa sem lhe dedicar sequer um momento de atenção e, além disso, continuava a falar alto de mais para o seu gosto, quebrando frequentemente a harmonia que reinava. A energia que irradiava era diferente da que cada um deles manifestava, e isso era motivo de conflitos e choques.

No entanto, tal como nunca se haviam queixado, também naquele caso

não o fizeram, transmitindo a Nakajima o que ele já esperava ouvir: que o estrangeiro era bem-vindo e que era para eles uma honra continuar a recebê-lo na sua humilde habitação...

A casa de banho é construída, normalmente, no exterior, não sei exactamente porquê — anotou ele no seu diário ou livro de memórias, — mas depois de ter conseguido transmitir a minha dúvida, ouvi uma expressão: feng shui e julguei perceber nela uma espécie de disciplina segundo a qual os Japoneses regem a ordem das coisas no seu mundo privado... Aliás, o que me foi dado saber enquanto tive a sorte da companhia de Xi, preparou-me para esta certeza: de que os Japoneses são um povo com uma cultura milenar e exótica, à semelhança da chinesa, à qual, aliás, disse Xi muitas vezes com evidente vaidade, foram buscar a inspiração para quase todas as disciplinas segundo as quais se regem. São um povo de filósofos nos mais insignificantes pormenores da vida... Tenho de perceber mais sobre isso.

Escrito mais tarde:

Feng shui é uma espécie de filosofia segundo a qual os Japoneses orientam tudo quanto se encontra dentro da casa e mesmo a própria casa em relação às restantes, ao terreno e ao Sol, numa busca de harmonia gerada pelas energias telúricas. Crêem que energias positivas e negativas estão permanentemente em conflito e influenciam, a cada momento, o resultado das suas vidas. Por isso, o local onde urinam e evacuem e onde procedem à limpeza do corpo está sempre afastado, de modo a preservarem a prosperidade e a harmonia.

«As noites são mágicas», pensava ele «e não apenas aqui, sobre a colina, mas acredito que em toda esta terra do Japão. Pela simples razão de que tudo parece estar no seu lugar e em paz.»

Insectos zumbiam, cigarras cantavam, e, ao longe, trémulas luzes indicavam as casas dos pescadores e dos camponeses. Mas nenhum outro barulho se escutava. Não havia vozes alteradas, nem berros.

«Nós não somos assim, nem os Chineses, tão-pouco», constatou. «Isto mesmo pude comprovar mal os homens voltaram a reunir-se no navio. Todas as noites eram noites de farra e berraria. Talvez por isso, porque finalmente partiram, eu tenha maior noção do sossego que ficou. Meu Deus, como é possível sermos tão diferentes?!...»

Respirou fundo. Um cheiro a maresia vinha no vento, misturado com

uma grande variedade de perfumes silvestres. «Estou fascinado por esta terra», pensou.

Durante muito tempo permaneceu ali, até que alguém se lhe veio juntar. Era o seu anfitrião Sakamoto Ryouji. Colocou-se ao seu lado e sorriu.

— Bonito, *neh?* — conseguiu ele perceber.

— *Hai*, Ryouji-san — Sim — respondeu.

Depois, ambos se calaram, apreciando a vista, o céu estrelado, o brilho negro do mar até que ele deu a entender que ia dormir.

O outro despediu-se, sorridente, dirigindo-lhe algumas palavras que deveriam significar um desejo de boa noite, fez ainda tenções de ficar e esboçou uma vénia. João retribuiu a vénia e pensou: «Tenho de aprender a falar o japonês, doutra forma é inútil a minha presença nesta ilha.»

Sakamoto Ryouji estava deitado na companhia da esposa, Honda, e conversavam acerca de Joan-san, a quem tinham por dever continuar a alojar.

Mais do que um fardo para a sua própria economia familiar, era, na opinião da mulher, a razão pela qual tantas coisas más lhes tinham acontecido nos últimos tempos. Além da morte da criança, que um mau *kami* trouxera ao mundo defeituosa, o que a obrigara a optar pela sua eliminação (pois, de que outra forma poderiam garantir a própria sobrevivência da família, senão assim?), há quinze dias, tinha havido no interior da cozinha um princípio de incêndio, que só devido a uma intervenção rápida não se traduzira numa tragédia verdadeira (os danos tinham sido insignificantes, mas não o sentimento causado...). Estes dois acontecimentos tinham por sua vez adensado a sensação de mal-estar que habitava a casa e agora ela temia que algo pior pudesse vir a suceder.

— Os incêndios são frequentes; ainda no ano passado tivemos um, e a criança — ele escondeu o próprio desgosto pelo facto de o filho ter nascido de forma que a sua permanência era impensável — foi apenas carma e nada mais... O estrangeiro, se pensares bem, nem tem sido assim tão difícil... Pensa no que disseram as famílias que acolheram os restantes, principalmente os chineses malcheirosos que, durante todo o tempo, nem uma vez tomaram banho, enquanto os outros dois, da mesma raça do Joan-san, apenas uma vez por semana; no dia que para eles era sagrado...

Ela resignou-se, pensando em todas as informações que circulavam acerca do comportamento dos estrangeiros: os hábitos alimentares, o mau cheiro, o constante praguejar, o teimarem em entrar em casa calçados, o repugnante hábito de cuspirem para o chão, ah, horrível!

Sim, apesar de tudo, a sorte deles havia sido melhor do que a das restantes famílias. Mas isso não tornava o fardo menos desprezível. E, sim,

ele devia, na sua opinião, tentar com a sua influência junto de Souji-san o ressarcimento pelos gastos que estavam a ter no alojamento do Joan-san. Afinal de contas aquela responsabilidade competia a toda a aldeia, e pesava há tempo de mais sobre o tecto da sua casa. Não passavam de uma família de samurais modesta, um ramo remoto da família de Souji. As suas possibilidades eram diminutas e havia tantas despesas a pagar, *neh?*

Ryouji, o marido, concordou. Sim, faria isso mais tarde. Agora, o dever mandava que fossem polidos e cordiais.

— Quando se discutem ganhos e pagamentos, a cordialidade tende a ser afectada, *neh?* — argumentou ele. Era dever deles e pronto. Não obstante, não podia ignorar o facto de a mulher ser sovina o suficiente para debater questões relacionadas com ganhos e compensações. E o amor que sentia por ela, aliado à dor pela perda recente do filho, fez com que ele se mostrasse paciente e carinhoso. — Sim — voltou a dizer como se pretendesse convencer-se a si mesmo de que o faria —, mais tarde falarei com o nosso senhor. Quando for chamado à sua presença. «O que é raro», admitiu. «É triste não se ter importância, *neh?*»

— Está bem, marido — insistiu ela —, mas quando a oportunidade surgir, deves colocar este assunto em cima da mesa. Souji-san não pode deixar de concordar com os nossos argumentos. E sim, meu marido, concordo que a nossa sorte podia ter sido pior... mas o nosso filho foi realmente uma tragédia nas nossas vidas.

— Sim — concordou ele —, mas o estrangeiro nada teve a ver com isso, mulher. Esse é apenas o nosso carma. Quem pode contrariar o seu próprio carma, *neh?*

«A criança estava formada muito antes da chegada dos estrangeiros», pensou, para se convencer.

A mulher fitava o tecto, pensativa. Sim, talvez tudo não passasse de puro preconceito da sua parte, reconheceu. Talvez, afinal, o estrangeiro nada tivesse a ver com o incêndio...

— A verdade — ouviu o homem dizer — é que a importância que o Joan-san tem para o nosso senhor é inegável, e ninguém esquecerá o papel desempenhado por nós, mulher.

Ela pensou nisso. Na verdade já tinha pensado, mas não tinha querido ver. Talvez a dor, ainda muito recente, tivesse contribuído para isso, para esse bloqueio. Mas os maus tempos passariam, como passam sempre, pensou. E sim, a honra de alojar o estrangeiro vindo do Sul na sua própria casa, não seria esquecida, passasse o tempo que passasse. Quem sabe, mais tarde, haveria alguém que compusesse uma canção ou mesmo que escrevesse sobre a vinda dos *namban-jin* e que falasse sobre a família Ryouji ...

...

— Bom-dia, senhora — disse João, quando a avistou.

— Bom-dia, Joan-san, dormiu bem? — retribuiu a dona da casa.

— Ah, *dormir* bem, sim, Honda-sama — tentou ele responder polidamente e fez uma vénia. Ela curvou-se pedindo-lhe qualquer coisa que ele não compreendeu imediatamente. Só quando ela repetiu, ele percebeu que lhe dizia que não devia tratá-la por Sama; esse tratamento era apenas devido a senhores e samurais de estatuto superior e ela e o marido não passavam de samurais de baixa condição. Ele acenou que sim, desculpando-se e curvando-se. Ela retribuiu o cumprimento, mas a sua vénia foi mais profunda. Queria definitivamente esclarecê-lo de qualquer equívoco. Claro que ela adoraria poder ser tratada por Sama, mas San seria suficiente. Ele aquiesceu, compreendendo na essência o que ela queria transmitir-lhe.

«Mas sim», pensou ela, «está menos rude. Talvez com o tempo venha a aprender hábitos de educação, *neh?*»

João viu a mulher a afastar-se e não pôde deixar de pensar:

«Putá criminosa...» Depois reflectiu. Quem era ele para medir daquele modo a integridade dos outros; para os condenar ou absolver? Além disso, que razão tinha para sentir ódio pela mulher? Afinal, ele não era Deus, e se havia alguma coisa que devia alimentar em relação àquela família, era a gratidão, pela forma dedicada como estavam a tratá-lo...

Receberam-nos com uma espécie de surpresa que raiava a incredulidade, o que se percebe dado sermos os primeiros ocidentais a pisar as suas praias, desde o início da criação. Os primeiros! — registou, exultante. — Deus, que significado pode isto ter, de sermos uma espécie de porteiros que chegam a um recanto do mundo, um género de paraíso, e abrem uma porta, desde sempre encerrada para uma parte da civilização?!... Sim, e que civilização! Julgamos levemente os actos de estranhos quando nós, no nosso dia-a-dia, praticamos actos de igual modo ignóbeis, sem que os ponhamos em causa ou contestemos... O que somos? Uma espécie de deuses? Raios, quão fácil se torna vermos o argueiro no olho do nosso vizinho quando o nosso está obstruído por uma trave! Enchemos as nossas praças de medas de lenha, sobre as quais prendemos um infeliz ou uma infeliz, condenados por algo ou por coisa nenhuma, e lançamos-lhes fogo, exultando com a presunção de estarmos a agir em nome de um Deus inclemente e implacável, no entanto justo, não vingativo, mas o que verdadeiramente ateamos são as fogueiras que ardem dentro de nós... Deus, quanta presunção! Serás algum dia capaz de nos perdoar?!...

...

João nunca fora capaz de compreender o que comandava dentro dos homens as lembranças, aquele impulso tantas vezes incontrolável de viajar ao passado, *de nos banharmos na lama das nossas próprias memórias*, como costumava dizer; nem porque aquelas o assaltavam de repente, naquele instante tão pouco provável. Mas o certo é que recordava a primeira vez em que assistira a um auto-de-fé. Tinha sido em Lisboa, em pleno Terreiro do Paço, numa tarde sufocante de domingo; os fiéis tinham escutado a homilia da tarde e regressavam a casa, rejubilando de amor a Deus e ao próximo. João estava lá, não porque tivesse saído da missa, mas atraído pelo burburinho que alastrava pelas ruas e ruelas, como um rastilho de pólvora: — Queimam-se bruxas e Judeus na praça! Venham ver! — Estranho como as notícias de tragédias ou maus fados sempre atraíram mais o nosso povo, do que aquelas que anunciam bons ventos! A verdade é que ele era mais um desses; os que se deixavam atrair pelo sofrimento do próximo, pela sua tortura e morte ignóbil. Como tal, ali estava, espectador atento de uma cerimónia horrenda e de má memória. No entanto, naquela altura, também ele fora advogado e juiz, também ele bradara para os condenados: Morte! Morte! E depois da morte, regressara a casa, vazio, com as narinas cheias do cheiro a fumo e a carne queimada, e pela primeira vez abominara a Igreja e os ministros da fé.

«Foi então que comecei a perder a fé nos homens?», perguntou-se. «Ou a fé em Deus Pai, por nos ter criado assim? Quando foi que senti os alicerces da minha fé abalados? Foi quando a rapariga que eu amava, Conceição, morreu de peste, tinha apenas doze anos, eu catorze, ou foi mais tarde, quando o meu irmão António foi enforcado, injustamente acusado de roubo? Quando deixamos de ser os mesmos e sentimos que uma voz nos chama e nos diz: anda, já nada te prende aqui, é tempo de partires em busca de outros horizontes, percebi que o reino onde vivia era pequeno de mais, mas havia outros reinos que clamavam por aventureiros... e vim. E agora, eis que estou só, num mundo de gente estranha chamado Japão ou País do Sol Nascente. Estou só porque deixei que os meus companheiros partissem. Ajuda-me, Deus Pai, a que não me arrependa. Ensina-me a paciência e a caridade. Ensina-me a humildade e o amor ao próximo, pois de que outra forma conseguirei estudar esta civilização sem que seja movido pelo preconceito?»

Dividem os dias em duas partes, cada uma com seis períodos iguais, e dão a essas partes nomes de animais — registou ele, para quem o tempo passara a resumir-se igualmente a meia dúzia de momentos importantes: os das refeições, deitar, levantar e trabalhar. — O dia começa com a hora da lebre, das 5 às 7 da manhã, depois, segue-se a hora do dragão, das 7 às 9. Depois,

das 9 às 11, é a hora da cobra; a do cavalo, das 11 às 13; a do bode, das 13 às 15; das 15 às 17, a do macaco; do galo, das 17 às 19; do cão, das 19 às 21; do javali, das 21 às 23; do rato, das 23 à 1; da raposa, da 1 às 3; e do tigre, entre as 3 e as 5 da manhã.

Passados os primeiros dias de entorpecimento, após a partida do navio e dos companheiros, a solidão desabou finalmente sobre ele e, mais do que nunca, sentiu a necessidade da presença e dos esclarecimentos de Xiang. Havia tanto para compreender! Tanto para aprender e ele não sabia como. O seu japonês, completamente rudimentar, feito apenas de meia dúzia de expressões elementares, demonstrava agora ser insuficiente e era com grande dificuldade que conseguia comunicar. Mas João era um homem obstinado. E além de obstinado, era um curioso. Um ser empenhado em aprender. E em sobreviver... Percebeu que se pode morrer por falta de alimentos, não por falta de comunicação, ou antes, não por falta de diálogo estabelecido, coerente, escoreito... Porque o discurso vocalizado não é tudo... Mesmo entre dois mudos é possível existir entendimento.

Esta coisa da linguagem é algo de fascinante — escrevia ele deitado no chão do seu aposento, sobre esteiras. A luz que atravessava as finas paredes de papel da habitação incidia no quarto de forma espectral, criando um ambiente de paz. — Apesar de cada povo ter a sua própria forma de designar as coisas e de comunicar entre si, Deus Pai dotou-nos a todos de uma capacidade de entendimento que ultrapassa a própria linguagem vocalizada e escrita, e que faz com que, mesmo quando o diálogo parece impossível, se estabeleça, podendo assim compreenderem-se os homens entre si. Tenho, apesar de todas as dificuldades, entendido e feito entender-me, e há mesmo algumas palavras e expressões mais complexas que começo a conhecer. A escrita, essa, é que parece estar além do meu entendimento. Nunca vi nada de tão difícil. Dizem que os Chineses escrevem da mesma forma. Certamente são alfabetos irmãos. Mas que nada têm a ver com o nosso...

Deteve-se, suspirando. Então, sobrepondo-se ao silêncio que imperava, pôde ouvir os gemidos que provinham do quarto ao lado e percebeu que os donos da casa, ou alguém, se entregavam a relações íntimas. Isso fê-lo sentir-se embaraçado e, simultaneamente, lembrou-o da sua própria necessidade. Sentiu-se crescer debaixo da roupa, até que o latejar se tornou insuportável e, de novo, recordou a criada e o seu comportamento há alguns dias, no banho. Essa consciência embaraçou-o, mas a verdade é que o seu desejo não diminuiu.

Foi então que se apercebeu da porta a ser afastada levemente e de alguém a entrar. Era um vulto feminino. Levantou-se de um salto, sem saber que fazer. Um *shiu!* fê-lo manter-se em silêncio. Depois, a rapariga — Emiko — despiu-se à sua frente e deitou-se a seu lado. Ele descontraíu-se. Percebeu que ela sorria quando lhe apalpou o volume e, depois, foi o paraíso.

Acordou revigorado e por momentos julgou que tinha vivido um sonho, mas a mancha de sêmen no acolchoado e a violência das lembranças atingiram-no e ele lembrou então a presença de Emiko no seu leito, o calor tépido e o perfume, que perduravam ainda.

Estava sentado quando ela entrou, trazendo o tabuleiro com a refeição da manhã. A forma como o fitou desconcertou-o. Como se nada se tivesse passado entre eles. Mas esse era, aliás, o comportamento dela. Já da primeira vez, em que tudo acontecera à vista da outra criada — Samisen —, o que não pareceu constanger a nenhuma delas, apenas a ele próprio, ela tivera nos dias seguintes uma atitude semelhante. Seria para se proteger? Para o proteger?

Seria ela uma mulher casada? Aquele pensamento atormentou-o de repente e ele procurou-lhe no rosto um qualquer sinal que o ajudasse a compreender. Mas ela não lhe deu nenhum.

A meio da manhã, vieram dizer-lhe que o senhor Souji solicitava a sua presença e ele limitou-se a seguir o mensageiro, acompanhado de uma pequena escolta, a caminho da aldeia e, depois, até ao topo da colina oposta onde se erguia a habitação onde Souji se alojava. Foi durante a travessia da povoação que avistou, com surpresa, o navio acostado ao molhe. Era um navio diferente dos demais e estava ali pela primeira vez.

Afastou a ansiedade daquela constatação e observou o que o cercava.

A habitação era maior e mais sumptuosa do que aquela onde estava hospedado e encontrava-se num lugar ainda mais belo, acima de todas as outras, na encosta do anfiteatro formado pela enseada. A vista era soberba e o jardim magnífico. Sim, muito superior àquela em que ele estava alojado, pensou, com fascínio.

Antes de chegar ao portão de acesso, pôde verificar que havia uma grande comitiva dispersa pelo descampado fronteiro à habitação: cavalos e homens armados, que o observaram distraidamente, como se na realidade não o estivessem a ver. Mas ele já conhecia o comportamento japonês bastante bem para perceber que a aparente indiferença era apenas uma imposição da sua educação. Muitas bandeiras ostentando um estranho símbolo

formado por um molho de bambus atados dentro de um círculo tremulavam à ligeira brisa. Qual o significado daquelas bandeiras? E do símbolo inscrito nelas?

Entrou, assaltado por questões. Sentia-se de repente nervoso. O que significavam aqueles homens, ali plantados no quintal?

A um sinal, avançou.

A porta foi corrida e ele viu-se, de repente, perante o senhor Souji e mais alguém — de aspecto mais imponente — e que parecia de um estrato superior. Seria o suserano de Souji, um senhor maior do que ele? Uma espécie de conde ou duque, ou de príncipe a quem o outro prestaria vassalagem?

Com a cabeça cheia de perguntas, curvou-se.

O outro observou-o.

Depois, o senhor Souji sussurrou alguma coisa que ele não percebeu. Apenas pôde suspeitar que se trataria de uma apresentação ou explicação.

— Este — disse depois o senhor Souji — é o senhor Shimazuka Onshu, suserano de toda a província de Satsuma, situada no Sudoeste da ilha vizinha de Kyushu.

João não percebeu o que ele dissera e, num esforço de dedução, concluiu que estava perante o senhor de Souji, ou um seu poderoso aliado. Lembrava-se de Xi lhe ter dito que os Japoneses tinham o Japão dividido em províncias. Pelos vistos, aquele era o senhor de uma dessas províncias. Soube que, apesar de não ter percebido o que ele dissera, devia ter sido algo relacionado com aquilo: nomes e títulos. Como, aliás, se faz em qualquer corte da Europa, quando se pretende apresentar as pessoas... Voltou a baixar a cabeça. Só muito mais tarde veio a ter a confirmação de que o senhor Onshu era o suserano, o dáimio, que era como eles chamavam aos grandes senhores feudais, donos de enormes territórios e das vidas de quantos lá viviam, o que incluía homens como Souji, que era apenas um senhor menor, governador daquela pequena ilha, e que o senhor Onshu se encontrava ali, vindo de barco da ilha maior, vizinha daquela, de nome Kyushu, de uma cidade chamada Kagoshima, onde tinha o seu castelo senhorial, porque a notícia com carácter muito urgente enviada por pombo-correio lhe dava conhecimento de que estranhos estrangeiros tinham dado à costa, trazendo consigo uma misteriosa e mágica arma.

Fizeram sinal para que se sentasse e ele obedeceu. Depois, percebeu o fascínio do outro quando se fixou na sua cintura e na pistola que transportava consigo. Verificou então que os dois mosquetes e as duas pistolas oferecidos pelo capitão se encontravam colocados aos pés do desconhecido. Este estendeu a mão e ele percebeu que lhe pedia a sua própria arma. Hesitou. Depois, acedeu e com gestos estudados retirou-a e entregou-a ao senhor

Souji, que por sua vez a entregou ao homem ao seu lado. Este analisou-a, comparando-a com as outras duas. João apercebeu-se da sua curiosidade...

Mais tarde, quando se retirou, fê-lo com a certeza de que o grande senhor desejava saber como funcionavam as *suas* armas, o que lhe cabia explicar ainda no decorrer daquele dia, mediante uma demonstração. A sua própria pistola ficou retida, mas ele, resignado, não ousou pedi-la.

A tarde avançava quando foi conduzido de novo à presença do senhor Onshu e de Souji. Ambos estavam sentados sobre um alpendre na habitação, na parte traseira do jardim, com vista para um bosque. Percebeu imediatamente que, além deles, havia apenas o círculo afastado de guardas, o que indicia que o que o levava ali era importante e que interessava apenas aos dois samurais.

Ajoelhou-se e a sua pistola foi-lhe, finalmente, restituída.

— Mostra-nos como funciona — conseguiu perceber.

Com calma, carregou a arma, executando lentamente todas as operações necessárias para a preparar para o tiro: primeiro a pólvora, depois a esfera de chumbo, por fim a colocação da mecha. Certificou-se de que estava seca e em bom estado. De seguida, aproximou-se de uma braseira acesa para afugentar os insectos e acendeu o morrão — todos os seus passos eram seguidos com grande interesse e curiosidade. Feito isto, baixou a cabeça e aguardou.

Avançando de trás dele, um dos guardas — havia vários, em torno — afastou-se, levando consigo um alvo semelhante ao que usariam para o treino com arco e flecha. Colocou-o a cerca de 30 passos e voltou. Todos esperaram. Ele levantou-se, tomou posição, apontou, sentindo por momentos o nervosismo da possibilidade de falhar, e chegou o morrão à mecha. Durante um instante todos o fitaram na expectativa. A explosão que se seguiu deixou uma pequena nuvem de fumo que rapidamente se espalhou pela clareira. O mesmo guarda foi buscar o alvo e trouxe-o de volta, colocando-o aos pés do seu senhor. Este observou-o, satisfeito.

Depois, foi-lhe pedido que disparasse um mosquete e ele após o ter carregado, deu instruções para que o alvo fosse colocado mais longe. O soldado colocou-o a cerca de 50 passos, mas João fez sinal para que a distância fosse incrementada. Os dois senhores observavam tudo curiosos, mas sem ousarem falar.

Quando João viu que o alvo se encontrava a cerca de 100 passos, deu a entender que estava bem. Ergueu o mosquete e apontou. A expectativa tomou conta da clareira.

Então, encostou o morrão à mecha e a arma fez fogo.

...

Depois desta demonstração, Onshu rejubilou, dando instruções para que os conhecimentos do estrangeiro fossem aproveitados imediatamente, feito o que anunciou o seu regresso a Kagoshima no dia seguinte. Assuntos urgentes aguardavam a sua presença. Em contrapartida, comunicou a Souji, este devia permanecer ali, controlando e vigiando as operações necessárias ao fabrico do primeiro mosquete em território do Japão. Aquele local, situado a sul da pequena ilha e fora de todas as rotas, era o ideal para a manutenção do sigilo exigido. Souji curvou a cabeça numa vénia e escondeu o desagrado que aquela decisão lhe causava, com um sorriso de satisfação. Ignorava quantos dias ficaria longe da sua família, longe da sua habitação fortificada, vivendo naquela aldeia humilde onde existiam unicamente samurais humildes, camponeses e pescadores. Restava-lhe a satisfação da presença dos seus próprios conselheiros e o sentimento de que se limitava a cumprir o seu dever.

No dia seguinte, logo pela manhã, o senhor Onshu, acompanhado pela sua comitiva, dirigiu-se para a baía, pelo próprio pé, depois de ter recusado o uso de cavalo ou palanquim. Pretendia com aquele acto impressionar o povo da aldeia e medir a sua popularidade.

A embarcação que o trouxera encontrava-se acostada ao molhe, pronta e aguardando a sua chegada. À sua passagem as pessoas que se encontravam presentes curvaram-se. Todos quantos estavam disponíveis se encontravam ali, para lhe prestar as honras devidas. Caminhou pelo passadiço com ar altivo, subiu para o barco e, num último adeus, acenou para a praia, onde o povo entusiasmado gritou o seu nome, desejando-lhe longa vida.

Respirou fundo e deu ordens ao piloto para pôr o navio a navegar, ao mesmo tempo que podia ver o senhor Souji na praia, entre a multidão, e, entre outros que o acompanhavam, o estrangeiro.

Sorriu feliz.

Souji tinha-se desculpado quando, alertado pela chegada do navio, no dia anterior, pouco mais tempo tivera do que o necessário para correr para a praia, na companhia dos seus mais próximos colaboradores, Sakamoto Ryouji, o samurai, e Sakamura, o chefe dos pescadores e camponeses, entre eles.

Todos se tinham curvado, demasiado nervosos pela surpresa da visita, que apesar de esperada há dias, não fora anunciada. Para Souji aquele não era senão o comprovar de que o seu senhor gostava de surpresas.

O dáimio acenara, dando a entender que tudo estava bem, enquanto sorria intimamente. Dado que tudo não passara de um teste para ver até

que ponto o seu vassalo era hábil, o que viu agradou-lhe. Apesar da surpresa, encontravam-se na praia os habitantes mais importantes da aldeia, incluindo algumas famílias modestas de samurais que ali tinham as suas casas. Não houvera tempo para reunir todos os camponeses e pescadores, que estavam ocupados com as suas tarefas. Mas isso, em vez de ser interpretado como uma falha, deixava perceber que não havia na aldeia ociosidade ou preguiça. Claro que a vinda do suserano era um acontecimento raro, que devia ser presenciado e festejado por todos, mas agora não havia tempo para mais do que aquilo e era mais do que suficiente.

Depois de receber os cumprimentos dos presentes, Onshu fora conduzido à casa da colina, onde Souji se encontrava alojado.

Agora, Souji encontrava-se de novo na praia, presenciando a partida do seu senhor, após pouco mais de um dia de permanência e muitas decisões tomadas.

João Boavida observou, de novo, a estranha embarcação ancorada na baía. Era um navio movido a remos e ele questionou-se sobre os escravos que seriam necessários para o pôr a navegar, quantos seriam e como seriam arregimentados. O facto de usarem escravos não lhe causou grande estranheza, dado que em Portugal se recorria à mão-de-obra escrava para a realização de tarefas mais pesadas, apesar de não serem utilizados escravos como forma de locomoção de navios. «Mas isto», pensou, «porque o vento faz esse trabalho para nós, de outra forma utilizá-los-íamos sem qualquer problema de consciência. Deve ser um navio rápido.»

Ouviu, vindo no vento, o som do tambor, marcando o compasso, quando o navio foi posto a navegar e durante muito tempo ficou a ver a embarcação a afastar-se até que desapareceu no horizonte.

A ideia com que ficou, errada, só mais tarde foi desfeita.

Na verdade, os Japoneses não faziam uso de escravos, recorrendo apenas ao esforço de homens livres, samurais, que remavam voluntariamente, contra todas as expectativas.

Durante muito tempo, João reflectiu sobre aquela passagem, fugaz, do senhor japonês que tinha vindo para o conhecer e conhecer as suas armas. Viera e partira com tal pressa que parecia que tudo não passara de um sonho. Não fossem as ordens que ele deixara e que teriam grande implicação na sua vida, e na vida de todos, nos dias seguintes.

A mensagem de que estranhos homens vindos do mar tinham dado à costa em Tanegashima, uma das ilhas pertencentes aos seus domínios, tinha chegado ao seu conhecimento há mais de três semanas, mas assuntos importantes, relacionados com o governo das suas terras, tinham-no retido mais do que era seu desejo, e só agora que eles tinham de novo partido, pudera vir, para ver apenas aquele que os demais tinham deixado para trás, e as tão apregoadas armas de que Souji lhe tinha tão entusiasmamente dado conta. Desde o primeiro momento as informações eram regulares mantendo-o ao corrente de tudo quanto se ia passando e, como tal, também soubera do dia em que pretendiam fazer-se de novo ao mar. Questionado sobre a eventualidade de os reter por todos os meios, respondera que não havia razão para tal, dado que um permaneceria entre eles. No entanto, agora, pensava que, afinal, talvez tivesse subestimado a importância das informações. Na verdade, concluiu, nunca pensara que pudesse haver tanta coisa em jogo, que tantas possibilidades pudessem vir a revelar-se, com aquelas armas misteriosas e inovadoras. Agora, depois de o conhecer e dentro do possível ter trocado impressões com aquele *estranho* estrangeiro diferente de chineses e coreanos, quase se arrependeu de não ter ordenado a Souji e aos seus homens para que retivessem a embarcação vinda de longe, pelo menos até à sua chegada, de forma que pudesse ter acesso a um conhecimento mais vasto. Porém, logo no primeiro instante, Souji referira-lhe que aquele estrangeiro era o único que denotava interesse pela sua cultura e o único que se preocupava em apreender a linguagem

falada por eles, sendo, portanto, o mais culto de entre todos e ele tentou contrariar aquele pensamento, acreditando que talvez tivesse tido a sorte de ficar com o *melhor*. Além disso, limitara-se a seguir o seu princípio que consistia em disfarçar o próprio entusiasmo perante os seus súbditos. Isso fazia com que não se deixassem arrebatar pelo próprio convencimento.

Na verdade, o poder das armas tinha-o interessado sobremaneira e, desde logo, vira ali uma oportunidade de aumentar o seu próprio poder, de forma que conseguisse fazer frente aos seus vizinhos, com quem, desde sempre, alimentava guerras e escaramuças. A província vizinha de Hyuga, que ocupava todo o Sudeste de Kyushu, pertencente ao seu rival Itoshii Hashimoto, mantinha com o seu clã uma rivalidade de séculos e a guerra estava sempre a surgir entre ambos os senhorios.

Se fosse possível, como ele pensava ser, fabricar ali armas semelhantes, isso poderia transformá-lo, a muito breve prazo, num dos dáimios mais poderosos da ilha e mesmo do reino, não obstante a ideia de combater com outras armas que não as tradicionais lhe desagradasse, como samurai que era. Mas o poder estava acima de tudo e tê-lo na própria mão era o desejo de todos os senhores do Japão. Só o poder permitia manterem as suas terras e evitar que fossem usurpadas numa das muitas guerras que sempre estavam a ocorrer entre senhores feudais.

— O que achaste do estrangeiro? — perguntou ele ao seu conselheiro, que se mantinha a seu lado enquanto a embarcação rumava ao horizonte.

— Estranho, *neh*, senhor?

— Sim. Muito. No entanto, foi uma bênção dos deuses que tivesse dado às *nossas* praias. Talvez o seu conhecimento nos possa ser útil, não achas?

— Sim, senhor — respondeu o conselheiro, que, no entanto, mostrava algum cepticismo em relação a tudo quanto fosse estranho.

— O senhor Souji diz que os outros prometeram voltar. Veremos o que poderão trazer-nos de novo e de que forma poderemos usufruir do seu conhecimento. As armas são interessantes, não te parece?

— Sim, senhor, bastante. No entanto, não estou a ver como nos possam interessar. Há mais de mil anos que usamos espadas e lanças e essas são certamente as melhores armas para samurais combaterem.

— Talvez sejam, mas a vinda destes estrangeiros poderá ser o prenúncio de um novo tempo, e devemos estar preparados, atentos e capazes de aproveitarmos todas as oportunidades.

— Sim, senhor — respondeu o outro, simplesmente.

Shimazuka Onshu, o senhor da província de Satsuma, conhecia sobremaneira o seu conselheiro para perceber que era apenas a sua cautela a manifestar-se. Talvez não conseguisse ver o que ele via. Não só as armas, mas a possibilidade de comércio, bem como de alargar o seu conhecimento

sobre o mundo exterior. Pois não era verdade, segundo o que Souji dissera, que os estrangeiros eram provenientes de um distante país no Ocidente, mas que detinham uma feitoria na costa da China, mesmo que se tratasse de uma cidade insignificante de que não sabia o nome? E não tinham referido igualmente que mantinham relações cordiais com o imperador chinês e que aquelas relações poderiam, de igual modo, ser aproveitadas por eles próprios? Afinal, há séculos que a China e o Japão eram inimigos e há séculos que o Japão dependia de produtos provenientes da China em quantidades tão pequenas que os preços eram exorbitantes, estando apenas ao alcance de poucos.

Como se chamava o país dos estrangeiros?, tentou lembrar-se, em vão. E onde ficava? Sabia apenas que no outro lado do Mundo, um mundo que ele sempre acreditara que se resumia à China, à Coreia e ao Japão. Não era esse conhecimento o indício de um novo advento para aquela terra de deuses?

Depois da demonstração, Souji tinha sido instado a ficar, a fim de trocarem impressões de última hora sobre pormenores relacionados com o assunto dos estrangeiros.

— Senhor, teria sido muito bom se tivésseis podido estar connosco desde o primeiro momento — dissera, então, tentando, contudo, não usar de um tom que pudesse ser desrespeitoso. Não era aceitável que vassallos fizessem observações ao seu senhor sobre a respectiva conduta. No entanto, Souji usava deste estratagem para tentar obter mais informações sobre a *não* vinda mais cedo. Informadores secretos tinham-lhe comunicado que a demora se deveria a uma doença que assolara o suserano, mas da qual não parecia haver já qualquer indício. Ter-se-ia tratado de facto de uma doença, ou de um estratagem para lhe testar a paciência? — Havia tanto mais para saber, *neh?*

— Sim, Souji-san — dissera Onshu —, mas felizmente tenho-vos a vós e ao estrangeiro para me esclarecerem, portanto não é assim tão importante, *neh?*

Nenhuma referência à doença, nada. Como seria tão mais fácil se lhe fosse possível ler os pensamentos dos outros!

— Sim, é verdade, Onshu-sama, perdoai-me. Mas teria sido interessante para vós se tivésseis podido ver com os *próprios* olhos os restantes estrangeiros. Diferentes de qualquer um que nós alguma vez tenhamos visto, chineses ou coreanos.

— Sim, mas eram assim tão diferentes deste? — pergantara, por sua vez, o senhor Onshu, percebendo a ansiedade do seu vassallo.

— Não, Onshu-sama — gaguejara o outro, assumindo uma atitude distante —, mas o comportamento dos restantes era ainda mais desagradável do que o de Joan-san. Falavam alto, com a sua linguagem áspera, espalhando em volta a desarmonia e o caos, o que muito nos perturbou nos primeiros dias. Muito piores do que qualquer dos povos que conhecemos. Bom, e pelo que soube, os outros não gostavam tanto de banho como o Joan-san. Segundo consta, tomavam apenas um por semana, e isto, unicamente, porque eram instados a fazê-lo. Educadamente, claro...

— Hum, curioso. Segundo o que dissestes, a tripulação era constituída por chineses?

— Sim, senhor, havia apenas três *namban-jin*, este incluído — confirmou o outro. — E, senhor, eu diria que se tratava de vis piratas...

— Interessante — comentou ele —, o que significa que os estrangeiros e os Chineses mantêm já relações importantes... E piratas, dizeis? Serão estes estrangeiros também piratas? — A prática da pirataria, considerada indigna pelos Japoneses e cujo estigma atribuíam a povos bárbaros e incivilizados, apesar de existirem também nos seus mares, era sempre vista com grande desconfiança.

— Sim, em resposta à vossa primeira pergunta, senhor, podemos tirar essa conclusão efectivamente — concordou Souji, sentindo-se afortunado por estar a partilhar aquelas confidências. — Em relação ao pormenor de serem piratas, não sei, Onshu-sama. Talvez não o sejam e se tenham juntado por mera conveniência...

— De que modo é que isso *nos* pode interessar, Souji-san? — perguntou então o senhor Onshu, e, antes que o outro respondesse, respondeu ele próprio. — Desde que os estrangeiros possam servir de intermediários entre nós e os Chineses, *neh?*

— É verdade, senhor — confirmou o outro, tirando imediatamente ilações em relação àquilo.

— E dizeis, Souji-san, que possuíam armas maiores do que mosquetes? Grandes tubos a que chamam canhões? O estrangeiro revelou para que serviam essas armas maiores?

— Sim, senhor, para combater outros navios e mesmo para fazer fogo sobre cidades. Parece que o seu alcance é imenso...

— Verdadeiramente interessante. Mais tarde, havemos de lhe pedir que também fabrique algumas dessas armas para nós.

— É uma boa ideia, senhor. Sim, muito boa.

— Dissestes, também, que eles professam uma estranha religião, diferente das nossas, cujo símbolo é uma cruz... Sabeis explicar o significado dessa cruz?

— Infelizmente não, senhor — dissera o outro, desagradado com o fac-

to de não poder ser útil ao seu senhor no que àquele aspecto dizia respeito. No entanto, explicou o estranho comportamento dos três estrangeiros, quando se ajoelhavam e rezavam, venerando o símbolo.

— Estranho...

Por momentos ficaram em silêncio. Depois, Onshu voltou a falar.

— Sim, há muito a saber sobre esses estrangeiros. Foi sorte nossa que tivessem vindo dar às *nossas* costas, *neh*?

— Sim, senhor, muita sorte. Imaginai que outro qualquer detivesse, agora, o conhecimento dos mosquetes. O senhor Itoshii Hashimoto ou o senhor Otomono Atsushi, ou qualquer outro dáimio do reino, incluindo o próprio xógum...

— Sim, mas os deuses foram pródigos *connosco*. Por isso devemos fazer tudo para que esse conhecimento se mantenha o maior tempo possível do *nosso* lado. Claro que o tempo fará com que se disperse, mas enquanto a vantagem for nossa, será sempre uma vantagem considerável.

— Sim, senhor. Por isso o vosso desejo é de que eu me mantenha por aqui, controlando tudo, durante mais algum tempo... — Tentou dissimular o desagrado daquela decisão. Estar longe da sua família não era algo que lhe agradasse...

— Sim, meu aliado, e seria bom que, no início, nem a vossa família ficasse ao corrente do que se passa. Dizei-lhes apenas que estais a desempenhar uma missão para mim, o que vos obrigará a ficar mais algum tempo aqui, entendestes?

— Sim, meu senhor — replicara, consciente da honra que lhe estava a ser concedida ao ser tratado por “meu aliado” e não apenas por “meu vassalo”. — Tive mesmo o cuidado de não comunicar nada para casa. Apenas que estou bem e regressarei quando regressar...

— Muito bem. É importante que o estrangeiro consiga ensinar-nos a produzir essa arma...

— Desculpai-me, senhor... Posso fazer-vos uma pergunta?

— Sim?

— Vossa Senhoria pretende fazer uso dessas armas, num futuro próximo?

— Não sei ainda — disse ele, não revelando toda a verdade sobre os seus pensamentos —, no entanto, não podemos excluir qualquer eventualidade. Como disse, esta é uma vantagem que está do nosso lado, e sabeis, meu fiel aliado, que a paz não é duradoura e que a qualquer momento a guerra pode voltar. Da última vez, quase perdi a minha província para aquele demónio do Hashimoto-san e do seu cão de fila Atsushi-san. No entanto, os nossos exércitos conseguiram rechaçá-los e mais à sua cobiça. Foi uma batalha e tanto, *neh*? — observou ele, com um sorriso, recordando as

centenas de mortos que haviam resultado da batalha dos três exércitos, que havia oposto os três clãs rivais: o seu, *Shimazu*, o clã do senhor Hashimoto, *Ito*, e o clã *Otomo*, do senhor Atsushi, que ocupava a província de Bungo, situada a nordeste de Kyushu e fazia fronteira a sul com a província de Hyuga, do senhor Hashimoto. Cinquenta mil homens tinham-se defrontado: vinte mil seus contra trinta mil dos seus inimigos e ele tinha conseguido, se não vencer, pelo menos não ser vencido. Sim, fora uma batalha e tanto. Souji tinha lá estado com os seus dois mil homens e tinha demonstrado ser um comandante corajoso. Onshu tinha-o em boa conta.

— Sim, uma batalha e tanto, senhor... — replicou o outro e, depois, tentou lembrar-se de qual fora a razão que levara, uma vez mais, à guerra. «Ah, sim», recordou-se, «apenas porque camponeses da fronteira entraram em luta uns com os outros, acusando-se mutuamente de roubos e sabotagem. Rapidamente a guerra se estendeu aos seus próprios senhores, numa bola de neve... Ou não, apenas porque o senhor e o seu rival se encontraram para se lembrarem de que afinal continuavam a odiar-se... Qual foi, verdadeiramente, a razão? Ninguém sabe, *neh?*, mas o que importa isso...» — Sim, meu senhor — repetiu ele —, foi uma batalha feroz e sangrenta.

— Quando será a próxima? É sempre a pergunta. Neste momento, os nossos exércitos estão em paz, as nossas fronteiras sossegadas, mas até quando?

Até quando, era sempre a dúvida que prevalecia. O valor de cada samurai só podia ser aferido na guerra, por isso todos queriam a *sua* guerra, a guerra em que podiam demonstrar o *seu* heroísmo. Além disso, a necessidade permanente de alargar o poder fazia com que, naquele mundo feudal, as guerras fossem constantes. Havia ainda a considerar os anos em que as catástrofes naturais destruíam as culturas e obrigavam um senhor a tentar encontrar a subsistência para si e para os seus nos domínios do seu vizinho.

— Ah, mas a guerra é boa, *neh?* — exclamou o senhor Onshu para ninguém em particular.

O outro sorriu, mostrando os dentes brancos e cintilantes. — Sim, senhor, boa. Pois sem guerra como poderíamos demonstrar o nosso valor, servir o nosso senhor com honra?

Agora, enquanto Souji via a embarcação a desaparecer no horizonte, pensava, uma vez mais, em como servir era, tantas vezes, uma missão difícil de levar a cabo. Por ordem do senhor Onshu, ele estaria semanas longe da sua família, da sua mulher, Shiori, e do seu filho Shiryu.

«Ah, mas o dever é a única coisa que torna um samurai grande», pensou. «Apenas servindo, um samurai pode cumprir a missão para a qual os

deuses o colocaram no mundo, *neh?* Servir é a maior honra que qualquer samurai pode ter. Servir com devoção e disciplina.»

Samurai, palavra que designa os guerreiros japoneses, tem na sua essência o significado de “aquele que serve”. Como tal, ser-se samurai significa dedicar a vida a servir. Souji sabia isso. Desde que se lembrava que estes fundamentos lhe haviam sido ensinados, tanto pelo pai, um grande guerreiro samurai que interviu em muitas batalhas, tendo sofrido ferimentos em algumas delas, como pelo seu mestre, o monge budista Seishirou, já falecido, que lhe ensinara os rudimentos da escrita e muita da História do Japão desde os primórdios até ao presente e ainda pelos guerreiros com quem privara, muitos dos quais também lhe tinham ensinado que o medo era ignominioso e a desonra podia ser encontrada ao dobrar da esquina. Que sentido tinham, neste caso, todas as batalhas ganhas anteriormente? Como era fácil cobrir de vergonha o passado, apenas com um acto ignominioso...

«Honrosos antepassados», pensou ele, «permiti que nunca tal me aconteça. Permiti que sirva com coragem o meu senhor, para honra dos vossos nomes e como exemplo deixado aos vindouros. Permiti que morra também com honra, para que o meu nome seja lembrado e cantado por muitas e muitas eras...

»Por fim», quis ele dizer, «faça com que a sorte me abençoe e eu possa elevar bem alto o meu nome. Quem sabe, seja desta vez que eu veja os meus domínios aumentados, objectivo que o meu pai e o pai dele perseguiram em vão...»

As emoções daquele fim de dia não o deixavam dormir. Enquanto dava voltas no acolchoado que lhe servia de leito, João pensava no que lhe havia sido proposto.

Eles não queriam unicamente ver o funcionamento das armas de fogo, queriam que os ensinasse a construí-las, sobretudo aos mosquetes, que tinham percebido serem mais mortíferos e com maior alcance. Para isso, ele só tinha de fazer uma lista com tudo o que precisasse — forja, ferro, carvão... — enquanto um telheiro seria construído na clareira onde fora feita a demonstração naquela tarde, junto à casa onde estava hospedado o senhor Souji e onde ele passaria também a viver.

Mas como diabos ia ele conseguir construir um mosquete? Nada percebia da fundição de metais nem do fabrico de armas...

O amanhecer chegou com esta e outras questões ainda a martelar-lhe a cabeça. Durante toda a noite, fora impossível pregar olho e quando Emi-

ko entrou com o tabuleiro, sentiu que o mal-estar o impediria de engolir fosse o que fosse, e, polidamente, recusou. Ela curvou-se e saiu, deixando o tabuleiro para trás, talvez na esperança de que ele pudesse reconsiderar a sua decisão. Todavia, antes de a rapariga sair, percebeu, num relance, que havia uma sombra a turvar-lhe o olhar. Certamente já estaria a par de que ele iria mudar-se... Não, não havia com certeza razão nenhuma no que acabara de pensar, censurou-se. Estar a pressupor que Emiko pudesse estar triste com a sua partida era com certeza um grande engano, uma mera ilusão. Ele não lhe era nada. O facto de se ter deitado com ele não tinha qualquer importância. Não era, afinal, isso o que ela lhe dizia com a sua indiferença?

Levantou-se ainda mais deprimido, vestiu-se e depois de ter lavado o rosto na bacia que ela deixara no canto habitual do aposento e o ter limpo na toalha macia, saiu para a rua. Para sua surpresa havia já dois homens armados à espera e no alpendre encontravam-se os donos da casa que se despediram com uma vénia, dizendo-lhe que havia sido uma honra para eles recebê-lo e que a sua casa estaria sempre ao seu dispor. Retribuiu o cumprimento fazendo tudo para que entendessem que ele é que lhes estava grato e que a honra tinha sido sua.

Depois, desceu a colina escoltado por dois samurais, a caminho daquela que seria, a partir dali, a sua nova habitação. Consigo, levava ao ombro um baú, depois de ter recusado que mais alguém o transportasse.

É incrível a rapidez com que esta gente trabalha — escreveu ele. — Em pouco mais de dois dias, ergueram lá fora o alpendre da oficina onde irei trabalhar e, como por magia, apareceram com uma série de utensílios que, pelo que pude deduzir, são aqueles que normalmente utilizam aqui numa fundição. Alguns são estranhos para mim, mas compreendo o esforço despendido por eles e tento perceber nas suas formas a serventia de cada um. O que não vai ser difícil, visto que para obviar a estas e outras dificuldades, nomearam-me um ajudante: um mestre armeiro, mandado vir à pressa da cidade-fortaleza de Souji, há dois dias, o qual, admito, já é alguma garantia de sucesso, para quem nunca lidou com o ferro ou com a arte da fundição, como eu. No entanto, o que o pobre homem sempre fez foram espadas e lanças, armaduras e adagas. Fabricar um mosquete está muito além da sua imaginação. Ou talvez eu esteja a ser limitado. Se há algo de que já me apercebi é a capacidade que este povo tem de se adequar a novas situações. Pois não é verdade que, no início, os nossos armeiros também só estavam habituados a fabricar espadas e punhais e alabardas e coifas e cotas de malha? Dou, pois, graças a Deus... Agora só me resta conseguir o objectivo que me propuseram: construir um

mosquete apto para disparar. Todavia, o homem parece ainda mais assustado do que eu. Vamos ver como nos sairemos. Que Deus nos ajude!

Para que eu aprenda mais depressa a falar o japonês, nomearam-me um professor proveniente de uma aldeia vizinha, cuja tarefa é ajudar-me a compreender os segredos da língua — escreveu mais tarde. — Coitado, está também mais assustado do que eu.

Faz hoje duas semanas que o junco partiu e tento convencer-me a mim mesmo de que fiz a escolha certa — escreveu ainda.

Tenho-me lembrado muito de Emiko. Aqui, destinaram-me um velho para me dar banho. Quis dispensá-lo, mas depois pensei que seria uma desonra para ele e então aceito que me lave como se fosse a maior alegria da minha vida. O velho está sempre a sorrir. Percebo que pretende transmitir-me a ideia de que para ele é uma grande honra dar banho ao primeiro ocidental que aceitou viver entre eles.

Os trabalhos ainda agora tiveram o seu início e já estamos perante as primeiras dificuldades que nos parecem intransponíveis.

Uma arma é uma obra de arte que requer conhecimentos profundos. Fabricar o cano é uma tarefa tão complicada que não temos sido capazes de a levar a cabo com sucesso. O cano é a alma de um mosquete. Tem de ser escorreito e suficientemente resistente para suportar a explosão que ocorre no seu interior sem rebentar na cara do atirador. Além disso, a mínima imprecisão na sua construção pode traduzir-se numa arma imprestável, incapaz de servir para os fins a que se destina. Tive de explicar que seria benéfico ter a possibilidade de desmontar um dos mosquetes, para poder ver melhor como é feita esta peça tão importante. Esse meu pedido não parece muito fácil de resolver. É que Souji cometeu a imprudência de oferecer ambos os mosquetes ao seu senhor e compreendo que não parece sensato voltar a pedir-lhe um de volta. Por isso, limitou-se a dizer-me:

— Arranjai outra maneira, Joan-san. — Ou, se não exactamente isso, foi algo parecido.

Terei de criar de memória um mosquete. De memória e por tentativas.

...

Consigo, tinha trazido os poucos haveres que o acompanhavam desde que entrara na nau a caminho do Oriente. Entre eles, contavam-se algumas peças de vestuário, um par de botas de reserva, um cinto de cabedal, uma lâmina de barba, um polvorinho mais uma centena de balas, um terço, material de escrita, uma Bíblia e alguns livros. Tudo isto num pequeno baú que um homem facilmente transportava ao ombro. Desde que pusera pé naquela ilha, apenas o abrira para tirar uma peça de vestuário ou para retirar e arrumar o seu material de escrita. Naquele dia, contudo, sentiu uma grande necessidade de rever cada um dos objectos, assaltado por uma estranha saudade, que o fazia desejar manuseá-los. Retirou-os, um a um, sentindo-os nas mãos e evocando, de cada, a história e a importância que tinham.

Não sabia o que procurava realmente, mas quando chegou aos objectos religiosos, deteve-os nas mãos, calhando mesmo a folhear a Bíblia que havia sido do seu tio e que guardava desde a sua morte, como se buscasse naquele simples passear de olhos um suporte de fé, para banir da sua mente todo o rol de dúvidas que o assaltavam.

Há dias que tentava montar um mosquete capaz, e todas as tentativas haviam saído frustradas. O que realmente daria jeito, pensou, seria ter consigo um livro de armaria devidamente documentado sobre a forma acertada de construir um mosquete, mas já que não o possuía, só lhe restava rezar para que Jesus Cristo o iluminasse.

Não que ele fosse um exemplo de homem piedoso e movido pela fé, no entanto fora ensinado a frequentar a igreja ao domingo, a confessar os pecados e a comungar, o que fazia de si uma criatura merecedora da atenção de Deus Pai ou do Seu Filho.

Orou:

— Senhor, ilumina o meu espírito para que eu consiga fabricar um mosquete capaz.

Souji estava deitado sobre uma mesa, na casa de banho, onde uma das criadas o massajava e untava com óleos perfumados. Era uma rapariga bonita, que o chefe da aldeia colocara ao seu dispor e que ele preferia ao velho que, na ausência desta, costumava substituí-la. As suas mãos eram macias e o seu rosto cândido refulgia ante a honra de lhe dar banho e o massajar.

Naquele dia, ele deu-lhe a entender que pretendia mais do que uma simples massagem, ao colocar-lhe a mão sobre a anca esguia. Ela sentiu um arrepio percorrê-la e intensificou a massagem. Sentiu o desejo dele e viu que o dela era correspondido. Há dias que desejava aquele momento, mas

nenhum dos dois o referiu, como se não fosse importante reconhecê-lo. O silêncio era mais excitante, pareciam concordar ambos.

Ele alargou o âmbito exploratório dos seus gestos e procurou-lhe o interior das coxas. Estavam quentes e fream. Virou-se para cima, deixando ver que o seu sexo tinha crescido e estava duro e ansioso. A rapariga sorriu e esboçou um *Oh!*, de surpresa fingida, como se não estivesse a contar com *aquilo*. Ele começou a despi-la e, depois, puxou-a para cima de si. O corpo dela era esguio e bem torneado. Não devia ter mais de dezanove anos. Sentiu-lhe imediatamente a humidade e viu como estava receptiva e ansiosa. Penetrou-a. Ela deu um pequeno gritinho de prazer que mais lhe acendeu a excitação. Gostava de mulheres que demonstravam o quanto as agradava. Gostava quando elas gemiam e falavam e mesmo quando proferiam obscenidades. Aquela, apesar de jovem, era dessas. Ouviu-a proferir todo o tipo de indecências enquanto o cavalgava como uma louca. Depois, fê-la parar e deitou-a sobre a mesa, de costas. A sua lança encontrou-lhe rapidamente o vulcão, e arremeteu, penetrando-a. Ele gostava daquela posição de submissão e apercebeu-se de que também agradava à rapariga. Viu como ela fincava as unhas nas bordas da mesa e gemia.

Naquele momento, a porta abriu-se e outra criada entrou, mas, ao vê-los, saiu imediatamente. Ele ignorou-a e prosseguiu. Estava quase a atingir o auge, tal como a rapariga. Prestes a alcançar o céu e as nuvens. Quando esse momento chegou, ela quase uivou e isso fê-lo atingir um prazer muito mais intenso do que alguma vez sentira. Pelos deuses, como ela era impetuosa!

Depois de satisfeitos, voltou ao banho. Ela lavou-o de novo, pacientemente. Mas não disseram mais nada.

Mais tarde, voltaram a cruzar-se no jardim, mas era como se nada tivesse acontecido entre eles.

A criada chamava-se Sora e quando à noite se deitou no quarto que partilhava com a sua companheira Myuki, nos fundos da habitação, a outra perguntou-lhe como fora o momento de intimidade com o senhor Souji. Sora sorriu. Ela tinha visto a companheira entrar na casa de banho, enquanto o senhor a possuía, e como saíra apressada.

— Oh, ele é um verdadeiro homem — comentou ela, numa voz afectada. — A sua lança é poderosa e ele, fogo.

— Sua sortuda — disse Myuki, fazendo beicinho. — Não tenho eu a mesma sorte. É decerto por seres mais bela do que eu.

Sora não disse nada. Tinha feito tudo para atizar o desejo do seu senhor. A massagem tinha sido conduzida de forma que o excitasse. Até a fragrância utilizada tinha essa finalidade.

«Apenas arte, minha amiga», pensou ela. «Apenas a arte nos separa. Eu daria uma óptima cortesã. Tu, apenas uma esposa mediana, ou uma consorte de ocasião.»

Sakamura estava deitado com a esposa no chão da sua casa, que era semelhante às restantes habitações ocupadas por camponeses e pescadores. No entanto, apesar de humilde, encontrava-se limpa e arrumada. A luminosidade no quarto era difusa e ele estava pensativo.

Após alguns momentos de silêncio, comentou:

— Achas que Sora foi uma boa escolha para o nosso senhor?

— Ah, sim, meu marido. Não tenhas dúvidas. Sora é uma amante excepcional. Melhor do que muitas cortesãs em algumas das mais importantes cidades do reino. Aliás, não fosse a idade e poderia ser uma. Mas a sua presença nesta ilha minúscula é de grande valia para nós. Poderá servir o nosso senhor sempre que ele venha à aldeia.

— Bom — disse ele. — Myuki diz que estavam enganchados quando entrou.

— Ih, e ela gemia como uma cadela com cio — comentou a senhora. — Sim, acho que o nosso senhor se sentiu satisfeito com a prestação dela. Já pensaste no que a aldeia poupou ao não ter tido necessidade de contratar uma cortesã para fazer o serviço?

— É verdade. Além disso, o nosso senhor tem estado irritadiço. O facto de o nosso suserano o ter designado para acompanhar pessoalmente o desenrolar das actividades, deixou-o com os nervos à flor da pele. Dizem que é muito apegado à sua senhora e ao filho, Shiryu.

— Sim, dizem que é uma criança encantadora.

— Dizem...

— E quanto ao estrangeiro? Parece que nunca mais se encontrou com aquela rapariga, Emiko.

— Sim. Desde que veio para a casa ocupada pelo senhor Souji que deixou de estar com ela. Mas dizem que os dois se deitaram mais de uma vez. Ih, como será dormir com um homem como ele? Felizmente não cheira mal como os outros, segundo os testemunhos que ouvi; de qualquer forma, é sempre um estrangeiro, *neh*? Diferente de nós. Como será que ele cavalga uma mulher?

— Não sei, mas confesso que, como mulher, morro de curiosidade — disse ela.

— Sim?

— Apenas curiosidade feminina — explicou ela. — Sabes que eu sou uma mulher fiel. — Ela permitiu-se tomar aquele tratamento mais íntimo,

o que fazia em determinadas circunstâncias e parecia não desagradar ao marido, pelo menos desde que fosse em privado.

— Sim, és — disse ele, pensando que se não fosse, ele, como qualquer homem, poderia mandar matá-la. Mas não; a sua esposa havia sido sempre uma mulher dedicada. Era ótima na cama e dera-lhe cinco filhos, dois dos quais eram homens. Estavam todos casados e a viverem longe da aldeia. Sim, ela fora sempre uma esposa excelente e uma boa mãe. O comentário visava apenas atizá-lo.

— Como será o estrangeiro?

— Ah, não sei, mas parece que a rapariga gostou da sua lança.

— Sim — concordou a mulher. — Que, aliás, consta não ser tão pequena assim.

— É, parece que eles têm lanças maiores do que a maioria de nós... — comentou ele.

— Parece. Mas não te preocupes, a tua é bem avantajada, meu marido — disse a mulher para lhe ser agradável.

— Ora, longe vai o tempo — replicou o homem, sorrindo e deixando que ela o lisonjeasse. — Agora, está quase sempre murcha.

— Bom, mas nos bons tempos estava quase sempre em riste. Foste um belo garanhão. — A mulher recordou a juventude. Como ele era um amante fogoso. Ainda agora, apesar da idade, era gentil e conseguia uma erecção razoável. Mas realmente o tempo fazia com que tudo esmorecesse. Apenas a afeição entre eles era a mesma.

João sentia saudades de Emiko. Há dias que não a via, e sempre que fazia tenções de a ir procurar, era dissuadido em nome do trabalho. Trabalho, trabalho e só trabalho. Bolas, ele não era nenhum escravo e desejava voltar a ver Emiko. E a estar de novo com ela. Caramba, como fora um imbecil ao não tirar maior proveito, enquanto viviam na mesma casa. Agora, ali estava, ansioso por ter o corpo dela. Ansioso por poder penetrá-la e ouvir-lhe a respiração acelerada...

«Raios», pensou, «maldito mosquete!»

Há horas que trabalhavam em volta da forja, quando foi atraído pelo burburinho que se gerara. Interrompeu por momentos os trabalhos e saiu para o alpendre, numa tentativa de perceber a causa daquela alteração tão pouco habitual.

Um operário apareceu a correr, chamando-o. João, sem perceber o que poderiam querer-lhe, acedeu a acompanhá-lo. Quando torneou a casa,

deparou-se, então, com um ajuntamento de pessoas à frente das quais se encontrava um homem que concluiu ser um pescador, pelo vestuário que envergava.

Estupefacto, reparou que transportava nos braços, afectuosamente, um mosquete português.

A arma devia ter caído ao mar, durante a tempestade, ou enquanto decorriam as tarefas de libertação da embarcação encalhada. Não sabia explicar como, mas o certo é que estava ali. O pescador tinha-a libertado da areia, junto à rebentação, e milagrosamente tinha-lhe ocorrido que era a ele que a deveria entregar.

A arma mostrava os primeiros indícios de oxidação, devidos ao sal e ao contacto com a água, mas fora isso apresentava-se capaz de fazer fogo.

Depois de limpar o mosquete durante horas e de o ter untado com um pouco de óleo de baleia, cedido pelo armeiro, resolveu pôr à prova a capacidade da espingarda. Dirigiu-se ao bosque, carregou cuidadosamente o mosquete, fez pontaria contra o tronco de uma árvore e disparou.

O simples som do estampido fez-lhe o coração saltar no peito, de júbilo, mas quando verificou a profundidade a que a munição penetrara na madeira, a satisfação e a confiança invadiram-no.

Já tinha o seu mosquete para desmontar.

Deus Pai escutara a sua prece!

O líquido ardente foi deitado no interior do molde. Era a centésima vez que esta operação era efectuada, sempre na expectativa de que o fruto resultante desta operação fosse o esperado. João e o armeiro mal respiravam, aguardando expectantes que o metal arrefecesse para poderem verificar o resultado. Junto deles, havia já uma dezena de canos, mas a maioria era tão defeituosa que por nada deste mundo João arriscaria fazer fogo com eles. No entanto, agora, esperava que o sucesso fosse finalmente alcançado. Pelo menos confiando no entusiasmo do pequeno japonês que o ajudava.

O pequeno homem dissera:

— Será desta, Joan-san.

Pelo menos fora o que entendera pelos seus gestos e pelo sorriso rasgado que ostentava.

...

O pequeno altar de pedra colocado no centro da aldeia parecia representar uma divindade autóctone qualquer, a julgar pela forma como todos lhe dirigiam olhares devotos e mesmo, em determinadas alturas, o presenteavam com alimentos e outras oferendas. Tal como ali, também dentro das suas habitações os Japoneses albergavam altares semelhantes e João rapidamente pôde concluir que seriam para eles como os pequenos altares e relicários ocidentais; moradas de Deus ou de santos, ou de uma espécie de espírito superior que parecia zelar por eles.

A sua devoção e religiosidade eram surpreendentes.

Escrito mais tarde:

A relação que os Japoneses têm com a divindade é muito diversa da nossa. Não amam a Deus, como nós, pois, segundo eles, deus pode ser uma árvore, mas também um peixe do mar. A manifestação do divino encontra-se em tudo quanto os rodeia e há um deus para cada uma das necessidades humanas. Desconhecem Jesus Cristo e não existe em nenhum dos seus actos seja o que for que os identifique com o cristianismo. A Bíblia é-lhes completamente estranha e acredito que se a tivessem nas mãos, a tratariam como a um qualquer outro livro que versasse matérias pagãs ou outras que não sagradas. Os kami, ou manifestações da divindade, são uma espécie de deuses responsáveis por tratarem dos seus assuntos e negócios pessoais, e acorrem a eles depondo sobre altares especialmente construídos no exterior das casas, ou em lugares ermos, alimentos que, acreditam, serão consumidos. Há um kami do mar, mas também um da montanha. Tal como todas as famílias possuem o seu próprio kami, que é, afinal, uma espécie de memória ancestral de todos quantos morreram e que continuam a zelar pela salvação e protecção da linhagem a que pertenceram. Se os nossos padres vissem a reverência que dedicam a estes altares, certamente condenariam como pagãs as práticas deste povo misterioso.

Mas, em verdade, quem não evoca a memória dos seus mortos num momento de aflicção?

O primeiro mosquete estava enfim pronto, mas antes de transmitir a novidade a Souji, João pretendia experimentá-lo. O cano metálico reluzia, de tão polido. O interior e o exterior eram tão perfeitos e cintilavam de tal modo que faziam lembrar uma arma produzida no Ocidente, por mão dos melhores armeiros europeus. Tal como a coronha de madeira, tão lisa que fazia lembrar o interior da coxa de uma mulher e tão brilhante, devido ao verniz, que reflectia a luz do Sol, como um espelho. João sentiu orgulho pela obra realizada e partilhou com o ferreiro japonês a satisfação que sentia. O homenzito sorria, também ele satisfeito.

— Bom — não parava de dizer.

— Bom — concordou João. Depois encaminhou-se para o bosque e carregou o mosquete. A ansiedade criava-lhe calafrios e ele rezou a todos os deuses, ao *kami* do bosque e a todos os *kami*, ao seu próprio Deus, o único, verdadeiro e ao Seu Filho, Jesus Cristo, para que a arma disparasse e para que o tiro fosse um bom tiro, um tiro certo.

Após ter executado todas as operações de carregamento com minúcia e extremo cuidado, munuiu-se de uma forqueta, sobre a qual pousou a arma. Por fim, levou-a à cara e apontou para o mesmo tronco em que, dias antes, tinha efectuado o disparo com o mosquete achado no mar. O murrão foi encostado à mecha e durante um momento, que pareceu uma eternidade, apenas teve a noção daquele cheiro a queimado invadindo-lhe as narinas palpitantes. O estampido fez-lhe o coração saltar no peito. Deixou que o fumo se dispersasse e aproximou-se. O novo buraco estava ali, junto do anterior e igualmente profundo. Bendito fosse Deus, tinha conseguido!

Souji fez questão de experimentar, ele próprio, o *primeiro* mosquete fabricado no Japão. Depois de o ter admirado demoradamente e ter manifesta-

do o seu agrado, pediu a João que o ensinasse a carregá-lo e dispará-lo. Não, não queria que João o carregasse; queria ser ele a carregá-lo com as suas próprias mãos; João devia apenas dar-lhe as instruções de como fazê-lo. Assim foi. Depois, colocou-o no ombro, apontou e disparou. A falta de prática fez com que o disparo resultasse num coice e a bala perdeu-se algures no interior do bosque. Mas ele estava satisfeito. Enviaria uma mensagem naquele mesmo dia para Kagoshima, para o castelo do seu senhor, a transmitir a boa-nova.

— Bom! — proferiu, olhando satisfeito para João. — Muito bom, Jo-an-san.

O banho tinha-o deixado completamente feito. Depois, fora o momento de intimidade com a criada, Sora, e por fim uma refeição ligeira. Souji sentia-se nas nuvens. Tudo corria como planeado e ele sentia a satisfação do sucesso. Talvez agora o momento de se reencontrar com a família estivesse mais próximo, pensou. Há tempo de mais que permanecia longe deles, comunicando-se apenas por mensageiro, e as saudades eram muitas. Como estaria o seu filho, Shiryu?, perguntou-se. O menino tinha cinco anos, quase seis, e era uma criança inteligente e forte. Daria um magnífico samurai, pensou. Digno de o suceder à cabeça do seu clã e, quem sabe, capaz de ser maior do que ele. O filho estava a ser instruído, já sabia ler e escrever e brevemente seria iniciado nas artes da guerra, na arte do chá, jardinagem e poesia. Longe dos grandes centros de decisão e poder, e também da arte, conhecimento e ciência, a criança estaria aparentemente em desvantagem em relação a outras do reino, mas o seu desejo de educar o filho de acordo com os ditames da moda que vigoravam na corte levava a que tivesse designado um monge budista para providenciar pela sua educação. Para isso, ofertara a um templo importante da ilha um donativo anual avultado, o que pesava sobremaneira no seu parco orçamento, no entanto não se arrependia de nada, pois o que desejava há muito estava prestes a acontecer. Tivera o seu prenúncio com a vinda dos estrangeiros; a coincidência de estar presente na aldeia quando eles tinham dado à costa, o facto de ter sido o primeiro a ter uma arma de fogo — que depois ofertara ao seu senhor, Onshu, é verdade; mas de qualquer forma o primeiro —, soara-lhe como um sinal de ventura. Agora, finalmente, esse sinal demonstrava ser mais do que isso; demonstrava que podia estar prestes a transformar-se numa realidade.

O monge budista, sentado à sua frente, à semelhança de todos os monges, aparentava serenidade, estar em paz com o mundo que o rodeava. Passa-

va grande parte do dia a meditar sobre as matérias que transcendiam os demais mortais. Era também o seu conselheiro espiritual; alguém a quem recorria quando necessitava de um conselho ou então quando desejava partilhar uma confidência.

Naquele momento, era o que acontecia.

— Dizei-me, meu bom monge, o que achais que devo fazer acerca das armas e do estrangeiro?

O monge fitou-o demoradamente, dando ênfase ao momento, antes de proferir um juízo ou apresentar uma opinião. Era um monge zen-budista de meia-idade de nome Dairiuji Bunji, de grande saber e sensatez. Deixou que ainda mais algum tempo discorresse e, por fim, proferiu:

— Fazei o que vos diz o vosso instinto...

— O meu instinto?

— Sim — disse ele —, devemos sempre dar ouvidos ao nosso próprio instinto. Ele é a voz da nossa consciência, e a nossa consciência é o nosso ser mais profundo...

— Sim, compreendo — disse Souji, hesitando.

— O que vos diz o vosso instinto, Souji-san?

— É difícil — disse ele. — Por um lado, diz-me que fomos abençoados com o achado das armas, por outro que as armas serão responsáveis por grandes mudanças... Por um lado, diz-me que o estrangeiro é um repositório de saber; por outro, uma ameaça às nossas crenças e ao futuro do Japão...

— Se pudésseis escolher entre uma coisa e outra, qual escolheríeis? — perguntou o monge. — As armas, ou o estrangeiro?

— Não sei, verdadeiramente não sei — disse ele, sincero, não compreendendo porque teria de escolher.

— O estrangeiro *tinha* algo que vos interessava; algo que já é vosso: o segredo das armas de fogo. Para quê, agora, ficar com o invólucro? Ainda mais sabendo que é um homem rude e sem modos, *neh*? Sabe-se lá o que mais terá para espalhar por esta terra de deuses.

Souji reflectiu sobre estas palavras, deixando que o seu próprio receio se libertasse; o receio que vinha a recalcar dentro de si. Não só o receio natural pelo que é estranho e diferente, mas aquele mais profundo, feito de pressentimentos e medos íntimos, enraizados. E o *seu* dizia-lhe que havia algo de mau que o estrangeiro transportava consigo. Não sabia o quê. Talvez um mau *kami*, uma influência que se revelaria nefasta junto daqueles que detinham o poder no Japão, inclusivamente junto do seu senhor Onshu, que ele vira fascinado pelas promessas de conhecimento que o estrangeiro trazia consigo. Até que ponto lhe poderia ser prejudicial? Até que ponto poderia relegar para segundo plano o seu próprio esforço e o seu mérito?

— Tendes razão — disse ele, endireitando-se na almofada. — Na verdade, que ideias perniciosas trará com ele, *neh*?

— Sim, já haveis notado a forma desprezível com que olha para os nossos altares?

«Sim», pensou Souji, «e a forma como olhou para vós, meu amigo. Pouco mais ou menos como para um reles camponês. Certamente porque desconhece a nossa religião e os nossos deuses, *neh*? Aliás, no primeiro dia em que vos viram, julgo mesmo que houve alguma relutância, por parte dos estrangeiros, como se vós representásseis uma ameaça.»

Souji recordou os olhares quase assustados que os três ocidentais haviam dirigido ao monge, quando o haviam avistado. Mas que ameaça podia representar o budismo para qualquer ser humano, quando apenas apregoava ideias e princípios elevados? Não era capaz de dizer. Talvez tivesse tudo sido impressão sua, pensou.

— Achais que há falta de respeito pelos nossos deuses, pelas nossas crenças?

— Talvez falta de respeito seja uma expressão muito forte, mas, sim, uma espécie de relutância, que não se coíbem de demonstrar. . .

Souji reflectiu uma vez mais sobre as palavras do monge e, depois, já um pouco cansado de abordar aquela vertente do assunto, que carecia de firmeza e o deixava enterrado em dúvidas, optou por mudar o sentido à conversa.

— O que pensais das armas, Bunji-sama? — Ele usou o grau mais elevado de tratamento porque se tratava de um monge e porque o homem exercia uma grande influência na sua vida. E porque naquele momento as suas opiniões eram de grande valor.

— Tal como vós, penso que as armas são um mal, Souji-san — disse. Tal como o uso do Sama não lhe tinha passado despercebido, também o San não passou despercebido a Souji. A igualdade no tratamento devia, naquele caso, ser respeitada, e não fora.

Souji moveu-se na almofada, pouco à-vontade com as suas próprias incertezas. Como aliás acontecia sempre que tinha de recorrer aos conselhos do monge. Isso só adensava a sua dependência, deixando transparecer mais as suas fraquezas. Mas aquele assunto era importante de mais para que ele não recorresse ao juízo do seu conselheiro espiritual.

— E o que faríeis, se vos coubesse a vós decidir?

— Se coubesse, e não cabe, eu teria expulsado os estrangeiros antes de os ter acolhido e não teria aceitado deles fosse o que fosse.

— Contra as regras que mandam que se dê guarida a qualquer um que seja um hóspede? Além disso, como saber, no primeiro momento, que ameaça pode trazer um hóspede para a nossa casa?

O monge reflectiu. Sim, como saber? Tinha consciência de que estava a instigar o outro a um pensamento que ia contra a sua conduta: de respeito pelos hóspedes. No entanto, não era capaz de dominar o próprio desagradado sentido em presença dos estrangeiros: os seus modos rudes, o seu cheiro desagradável e a sua linguagem desarticulada já eram uma ofensa em si. Mas, mais do que isso, tinham sido os seus olhares ostensivos, misto de medo e desafio.

Medo, porquê? Sorriu. E que presunção desafiá-lo, *neh?*, pensou.

— Talvez — corrigiu — o princípio da hospitalidade nunca deva ser posto em causa, mas isso enquanto o hóspede não for considerado *uma ameaça* para a *vossa* casa...

Okamoto Nakajima era o seu conselheiro militar, espécie de braço-direito com quem trocava impressões sobre assuntos de carácter mais prático; como fossem as relacionadas com matérias militares ou trabalhos a realizar na ilha. Ao serviço da sua família há cerca de trinta anos, era um homem que granjeara a importância que o tempo e a confiança cimentam e, como tal, a sua presença era imprescindível quando havia decisões a tomar.

Há algum tempo que conversavam, trocando impressões sobre as armas e o estrangeiro. Souji apresentara a sua ideia sobre o assunto, agora mais firme e definida, após a conversa tida com Bunji-san. Como tal, fazia questão de demonstrar essa convicção.

— Chegou a hora de informar o nosso senhor Onshu, em Kagoshima — disse ele.

Nakajima, o conselheiro, concordou com um ligeiro aceno. E quando lhe perguntou:

— E o que pensais fazer em relação ao estrangeiro, senhor?

Souji fitou-o e replicou:

— Penso que logo que tenhamos a tecnologia para produzirmos nós mesmos os nossos mosquetes, deveremos tomar medidas mais estritas sobre o estrangeiro. O seu conhecimento é demasiado valioso para que possa cair em mãos inimigas, e como não temos nenhuma garantia sobre a sua lealdade, devemos tomar providências para manter esse conhecimento.

— Quais pensais que devam ser essas precauções, Souji-san? — perguntou Nakajima.

— Quaisquer que se demonstrem necessárias. Pretendo aconselhar o senhor Onshu sobre isso.

— Entendo. E *necessárias*, significa o quê?

— *Necessárias*, não obedece a qualquer restrição. O necessário é isso mesmo. Nem mais nem menos.

...

Bunji, o monge, estava sentado no jardim exterior, na posição de lótus, como se meditasse, mas os seus pensamentos eram muito mais terrenos e estavam ocupados com as armas e o estrangeiro. Este assunto, ou assuntos, há dias que lhe vinham ocupando a mente. Sem nunca ignorar o sentimento que sentira à vista da chegada dos estranhos homens de rosto claro e olhos redondos, que se manifestara por uma espécie de calafrio que o alertava para a eminência de uma qualquer tragédia presente ou futura, ele tinha despendido muito tempo a tentar decifrar os seus sentimentos, e acabara por concluir que tinha chegado a um beco sem saída. A intuição dizia-lhe que devia estar alerta: novos tempos se aproximavam! A chegada dos estrangeiros não tinha ocorrido em vão, e a permanência daquele a quem todos chamavam Joan-san também não acontecera por acaso. Aquele estrangeiro teria um papel importante no futuro do Japão; ele só não sabia ainda qual a amplitude desse papel. Mas as armas não eram um bom prenúncio. Vinham colocar em causa tudo o que praticavam há séculos e eram uma ofensa ao Tau. A simples ideia de poder matar um homem de forma tão vil, repugnava-o. Como conseguiam os estrangeiros usar aquele instrumento numa guerra que se pretendia ritual, samurai contra samurai, olhos nos olhos, fio da espada contra fio da espada? Mesmo quando usavam arcos e flechas, havia sempre a forma de saber quem matara quem, já que cada arqueiro identificava as suas próprias flechas, de modo que todos pudessem saber a quem coubera a honra de derrubar o adversário... No entanto, mesmo aquela arma só era usada em ataques esporádicos. O natural era que cada samurai procurasse e enfrentasse um inimigo usando a espada ou a adaga, ou ambas. Não daquela forma cega, arbitrária, ah! Aquilo estava para além de tudo o que ele pudera alguma vez imaginar. Os estrangeiros comportavam-se como meros *ronin*, gente sem honra e sem princípios, para quem a morte de um inimigo não tinha o significado que suplantava o da própria e reles matança... Pois não era apenas isso o que eles conseguiam quando incendiavam a mecha?

E que outras ideias perniciosas trariam eles consigo? Naquela sua arrogância, nos seus modos rudes, que influências trariam para a vida metódica e milenar do seu povo? Com as suas botas enlameadas e o seu praguejar constante, o seu mau cheiro, fruto da ausência de banhos e de hábitos nojentos de alimentação; hábitos que tinham muitas semelhanças com os dos Chineses e Coreanos, os *namban-jin* demonstravam ser uma espécie de demónios chegados à terra dos deuses. Até onde iria a sua corrupção se ninguém lhes pusesse cobro?

...

Nakajima fitava o pôr-do-sol e pensava. Os seus pensamentos estavam longe de assuntos relacionados com o estrangeiro ou as armas de fogo. Nakajima pensava noutras coisas...

O artesão viu-o passar, sentado num pequeno banco, no interior da sua oficina. A sua arte era a de sapateiro e há muitos anos que as suas mãos, cobertas de calosidades, fabricavam afectuosamente pares de chinelos e socos típicos, que depois lhe eram comprados por dezenas de clientes, desde os mais ricos até aos mais modestos, incluindo um sem-número de mercadores que, depois, os transportavam para longe, onde tinham grande fama. As suas costas, curvadas pelo muito tempo que passavam dobradas, doíam-lhe, agora, com uma frequência crescente e ele interrogava-se amiúde até quando o deixariam os deuses viver em sofrimento. Claro que os deuses não lhe tinham ainda dado resposta e as dores, sempre presentes, lembravam-lhe que a idade era já longa.

Sim, tinha tantos anos de vida que já quase não se lembrava de quantos. Vira guerras e tempestades, *taifun* devastadores e incêndios que tudo reduziam a cinzas. Tinha perdido filhos nas diversas tragédias e a mulher deixara-o no ano anterior, quando os primeiros frios do Inverno tinham chegado e, com eles, as primeiras folhas se tinham precipitado, moribundas, sobre o chão da aldeia, para serem depois arrastadas pelo vento vindo do mar.

Em tantos anos de vida, nunca sonhara sequer que iria ser testemunha da vinda daqueles *estranhos* estrangeiros. Mas essa era outra das surpresas que os deuses lhe tinham reservado.

João passeava distraidamente pela aldeia, numa espécie de pausa merecida após tantos dias de duro trabalho, quando avistou Emiko. O coração saltou-lhe no peito e ele não conseguiu conter-se. Desatou a chamar alto:

— Emiko. Emiko.

A rapariga parou surpreendida, quase assustada, e voltou os olhos na sua direcção. Depois timidamente aproximou-se.

— Bom-dia, Joan-san — cumprimentou. Era a primeira vez que o tratava assim e João sorriu-lhe, feliz por a ter encontrado. A forma como o seu nome soava na boca dela não tinha aquele sentido de imperfeição que ele detectava quando os demais faziam uso dele; na boca dela, a forma como o seu nome soava parecia-lhe aquela com que sempre devia ter soado, pensou.

...

— Bom-dia, Emiko. Como estás?

— Bem. E vós?

— Ótimo. Consegui fabricar o meu primeiro mosquete.

— Bom, muito bom.

João não soube se ela tinha já conhecimento ou não. Pelo menos já toda a aldeia parecia saber, e todos quantos se cruzavam com ele felicitavam-no por ter conseguido dar aquela alegria ao suserano de todos eles.

— Tenho tentado saber notícias tuas — confidenciou João. — Mas têm-me dito que, primeiro, o trabalho. Trabalhar, trabalhar, tem sido a palavra de ordem. — Sorriu.

Ela retribuiu o sorriso.

— Sim — disse —, essa tem sido também a resposta que me têm dado. Que o *namban-jin* está ocupado. — Ela sorriu acabrunhada, após aquela inconfidência.

— O que significa *namban-jin*? — perguntou ele.

— *Namban-jin*, bárbaro do Sul — explicou ela, envergonhada. Depois sorriu, como se aquilo não tivesse importância. — Sim, tenho procurado por vós, Joan-san, em vão.

João compreendeu a custo o que era dito, e respondeu hesitante. Algumas palavras perdiam-se aqui e ali, mas a ânsia de comunicar e de ser compreendido fez com que fosse capaz de transmitir o que pretendia e a sua capacidade de dedução fez o resto do trabalho.

— Sim? Verdade? — exclamou ele. — Tens perguntado por mim?

Ela baixou os olhos e sorriu.

Ele confidenciou:

— Não te esqueci, Emiko. E tenho sentido a tua falta.

E não se deu conta de que falava em português.

O corpo dela era pequeno, mas bem torneado, de um tom de mel e tão macio como pele de bebé. Além disso cheirava a flores silvestres.

Estavam deitados em futons macios, no chão limpo num quarto da casa *dela*, uma casa pequena que disse ter herdado dos pais e que ficava numa das ruas estreitas da aldeia. Lá fora, a noite havia caído e apenas o luar penetrava as paredes do quarto, transmitindo uma luz irreal ao aposento. O compartimento cheirava a madeiras envelhecidas e a brisa da noite trazia os perfumes dos bosques...

Perante o seu constrangimento inicial, ela dissera: “Somos um homem e uma mulher que não têm compromisso algum. Somos adultos e queremos estar juntos. Ninguém tem nada a ver com isso. Ninguém comentará

o facto de te deitares comigo ou com qualquer outra mulher. É importante que o teu espírito esteja bem, e para o teu espírito estar bem, o teu corpo tem de estar saciado. Fora das minhas horas de trabalho, sou uma mulher livre, posso encontrar-me com quem quiser. Como hóspede que és, o senhor Souji não se oporá a que pernoites fora da casa. Basta que lho comuniquês, explicando-lhe que necessitas de privacidade. Ele perceberá e verás que ficará satisfeito por te saber satisfeito. Tu és agora alguém muito importante. E como tal, o teu bem-estar é importante.”

Ela tinha razão. No entanto, não se tinham livrado de ter dois guardas postados lá fora, junto à porta, “com a missão de vigiarem o estrangeiro”. João sorriu. Como se tivessem medo de que ele pudesse fugir. Para onde? Era assim tão importante para aqueles japoneses? Parecia que sim. E agora ali estavam os dois, deitados lado a lado. Era espantoso como o corpo dela era quente e macio e os seus pêlos escuros e pouco bastos. Cuidadosamente, penetrou-a pela segunda vez naquela noite e ela gemeu de prazer. Parecia impossível como conseguia caber dentro dela sem a magoar.

Mas o que ela sentia era tudo menos dor.

«Ah, amanhã todos comentarão que me deitei com o estrangeiro», pensou ela sorrindo para consigo mesma, enquanto fitava o tecto do cómodo. «Mas que importa isso? São assim as bocas do povo, e todas as cabeças estarão cheias de ideias e suposições sobre o que aconteceu aqui esta noite. Todos quererão que a sua própria história seja acreditada como a verdadeira, mas isso é também fruto da natureza humana. Comentar e segredar é apenas uma forma de ocupar a mente e o tempo vazio. Porque, na verdade ninguém tem nada a ver com o que aqui aconteceu. Por isso tudo farão para que a autoria dos seus comentários não seja conhecida por mim. Na verdade, não há quem não tenha *shoji* de papel...»

«Quando parti de Portugal, há cerca de quatro anos, rumo às terras distantes do Oriente, não deixei nem esposa, nem noiva, ou tão-pouco alguém a quem tenha prometido a minha afeição», pensou João Boavida. «As mulheres, que entretanto encontrei no meu caminho, foram mulheres de ocasião, que me satisfizeram e a quem julguei também satisfazer.

»Emiko é diferente.

»Emiko enche-me o coração!»

...

Sinto a falta de outros com quem falar na minha própria língua. Há mais de um mês que os meus companheiros partiram e faltarão decerto muitos ainda para que regressem. Se regressarem. Quero crer que sim. A aprendizagem do japonês decorre com muitas dificuldades. Não é fácil articular os sons desta língua. O professor faz o que pode, mas, às vezes, penso que ambos perdemos a esperança.

Ou pelo menos eu perco.

Os Japoneses não são um povo de esperanças. Movem-se por convicções e certezas. É estranho como também nisso somos tão diferentes.

Souji-san tem revelado um grande interesse pelas armas — escreveu ainda. — E tem-se revelado igualmente um amigo amável e interessado, o que, neste fim de mundo, tem sido importante para mim. Mas a minha falta de vocabulário dificulta ainda a comunicação com aqueles que me cercam e, não fosse Emiko, a solidão seria muitas vezes intolerável. O senhor Souji convidou-me um destes dias para jantar, e durante essa noite revelou-se extremamente paciente, procurando todas as formas que possibilitassem e facilitassem a comunicação entre nós. Ele próprio acabou por assumir o papel de professor ao explicar-me pacientemente o significado de algumas palavras e expressões. Foi uma noite agradável, com rasgos de humor, e ambos rimos, satisfeitos conosco mesmos.

Uma criada andava permanentemente de cá para lá, como uma borboleta esvoaçante, e apercebi-me de que estava ali para acudir a todos os nossos desejos e necessidades, de forma a tornar a noite agradável.

Bebemos saqué, quase até à embriaguez, mas esse estado não foi atingido, porque houve um momento em que Souji-san parou de beber, o que também me limitou.

A conversa decorreu em torno do tema “mosquetes”, mas falámos igualmente de outras armas, como os canhões, pelos quais demonstrou grande curiosidade. Quando as explicações se tornaram quase impossíveis por esgotamento de vocabulário, Souji ordenou à criada que trouxesse papel, tinta e um aparo, e foi assim que pudemos prosseguir, recorrendo, ambos, a esquemas e desenhos, como forma de ultrapassar dificuldades sentidas.

Quando o tema “armas e cultura portuguesa” pareceu perder algum interesse, Souji revelou-me o quanto gostaria de saber falar a minha própria língua.

— Seria muito mais fácil, neh? — disse, sorrindo. — Desta forma um auxiliaria o outro. A comunicação seria mais fluente...

Concordei e ensinei-lhe algumas expressões nossas, como: bom-dia, sim, não, por favor, entre outras. A noite arrastou-se e Souji-san voltou a pedir à criada que trouxesse mais saqué.

Foi o desastre. Acabámos ambos embriagados, ele a tentar falar português, eu a repetir como um papagaio palavras e expressões japonesas. Fartámo-nos de rir dos nossos próprios desempenhos e por fim, quando nos fomos deitar, íamos ambos cambaleantes, como dois pelintras de Lisboa, vagueando por becos e ruelas. Felizmente, tínhamos ambos bom vinho e não passávamos de duas almas candidamente alegres.

Na manhã seguinte, Souji-san não escondia os efeitos causados pela ingestão exagerada de saqué. Quando nos encontramos, rimos das nossas próprias caras e, por fim, Souji-san convidou-me para partilhar o banho consigo.

Aceitei. Parece que nestas paragens tomar banho com o hóspede da casa é um sinal de grande estima e respeito.

O artesão via-o agora chegar quase todas as noites para ficar na casa de Emiko e o que ele adivinhava que acontecia naquelas noites, tal como os demais vizinhos, era aquilo que todos sabiam que acontece com frequência entre um homem e uma mulher, quando o fogo da terra os assola e incendeia por dentro. E isso — sabiam — era tão natural como a melhor das bênçãos, com a diferença de que aquela era a única bênção que ocorria mesmo sem a permissão dos deuses; bastava que houvesse um homem e uma mulher...

O que, sabiam igualmente, era apenas da conta desse homem e dessa mulher e de ninguém mais.

No entanto, nenhum deles imaginara algum dia que a rapariga de nome Emiko viria a deitar-se com um estrangeiro vindo de longe, do outro lado do mundo, um estrangeiro tão horrível como o mais surpreendente dos *kami*, como os surpreendentes Ainus que viviam na distante ilha de Hokkaido.

Souji estava sentado no alpendre exterior, usufruindo da paz e dos perfumes da noite, num estado de contemplação quase hipnótica. Era a hora em que os animais e as plantas, tal como os homens, passavam a ter a certeza de que a escuridão tinha vindo para ficar. A noite estava quente, sufocante, mas com a sua autodisciplina, tentou abster-se do calor.

Uma espécie de sorriso enigmático aflorava-lhe aos lábios, prova de que estava satisfeito com a forma como cumprira o seu dever. Efectivamente, o tacto que tivera para perceber a importância dos estrangeiros, e a maneira como conduziu todo o processo desde o primeiro momento, de forma a tirar dele o maior partido, tinham atingido o seu corolário. O

ferreiro havia-lhe transmitido, secretamente, há uns dias, que seria capaz, por si só, de fabricar os mosquetes que desejasse. Então ele ordenara-lhe que construísse sozinho um mosquete sem o auxílio de Joan-san, devendo depois trazê-lo até si. O artesão cumprira a ordem com rapidez e ele já tinha o mosquete na sua mão. Nem queria acreditar; não havia entre aquele e o primeiro qualquer diferença. E este, sim, era o princípio da aprendizagem. Agora, caso desejasse, poderia prescindir do bárbaro, pois o pressentimento que o assaltara nos primeiros dias, de que novos ventos estavam a soprar sobre o Japão, adensou-se, causando-lhe calafrios. Algo lhe dizia que o mal que os estrangeiros haviam desencadeado não mais teria fim. O importante tinha sido saber quem deteria o controlo, quem assumiria o domínio daquele novo poder. Agora tinha a certeza que seria ele.

A mensagem que Souji enviara ao seu senhor dava conta dos progressos alcançados, e solicitava uma audiência. Era parte da estratégia que vinha elaborando, nos últimos dias, se bem que nem tudo estivesse ainda claro na sua mente...

A resposta tinha, entretanto, chegado. Deveria encontrar-se com o senhor Onshu, no seu castelo, dali a duas semanas.

Suspirou. Duas semanas eram uma outra vida. Mas um samurai devia cultivar a paciência.

Em breve regressaria a casa, de onde estava ausente há tempo de mais, para rever a sua esposa e filho. Mas antes disso, assistiria ainda às festas que se realizariam dali a alguns dias e que se destinavam a interceder junto dos deuses pelas culturas. O que o fez lembrar de que a época das chuvas estava a chegar.

As noites passadas com Emiko eram mágicas, e ela sussurrava-lhe que o mundo era belo e mágico, também... Depois de fazerem amor, enquanto ele repousava a cabeça sobre as suas pernas, ela cantava-lhe ao mesmo tempo que o acariciava com as mãos finas e perfumadas. E o mundo era de facto belo, mais belo do que alguma vez supusera, e compreendia a estranha devoção que os Japoneses tinham pelo *agora*, pelo instante *presente* e que apesar de *efémero*, tinha, às vezes, o gosto do *infinito*.

Nesses momentos, acontecia também que ela lhe explicasse pacientemente as pequenas dúvidas que o assaltavam, esclarecendo-o sobre o significado das novas palavras que todos os dias o deixavam impotente ou incapaz de compreender.

E ele abençoava a sorte que tivera ao ter encontrado naquela terra estranha um tal presente, que só podia ser divino!

A terra tremeu pela primeira vez durante a manhã. João nunca tinha sentido o chão a estremecer sob os seus pés, por isso, apesar de pequeno, quase insignificante, comparado com outros ocorridos no passado em terras do Japão, o abalo deixou-o assustado. Em volta, porém, poucos pareciam impressionados, o que muito o surpreendeu e, passado o susto inicial, todos voltaram às tarefas rotineiras que vinham desempenhando. Mais tarde, seguiu-se outro tremor de intensidade semelhante e depois outro e outro. A terra parecia sacudir-se, como um cão infestado de pulgas, e as habitações mexeram-se nos seus alicerces, mas não houve danos, e tudo voltou ao normal passado algum tempo.

Foi quando a noite caiu que o caos se desencadeou. A terra pareceu uivar de dor, o mundo sacudiu-se como uma grande baleia em agonia e, então, houve casas e muros que ruíram, telhas que caíram, árvores arrancadas. João apanhou o maior susto da sua vida, ao ver o pânico e a destruição, como se irrompessem de dentro de si próprio.

As pessoas saíram para a rua, como se ali estivessem mais seguras, e ele fez o mesmo, imitando-as, mas a casa onde estava não sofrera danos importantes e parecia ainda intacta. O impacto era diferente consoante o local, havendo sítios onde incêndios deflagravam e outros que simplesmente ficavam incólumes.

— Meu Deus — bradou —, que inferno é este?

Junto dele, alguém tentava explicar-lhe que aquele era ali um fenómeno normal e ele interrogou-se como era possível que seres humanos conse-

guissem viver com aquela espada de Démocles permanentemente sobre a cabeça. Essa admiração ganhou ênfase quando ouviu alguém explicar que havia muitos terremotos, durante todo o ano, a maioria dos quais não causava danos; lembrava apenas aos simples mortais que a vida e a propriedade eram transitórias; num momento existiam, no outro eram entulho e ruínas.

Souji estava plantado num recanto do jardim fitando a aldeia e denotava uma serenidade que o surpreendia. Ao lado dele, viu o monge e o samurai que quase sempre o acompanhavam e todos permaneciam silenciosos, apenas olhando, como se presenciassem um espectáculo. Viu os olhos do monge fixarem-se nele, por momentos, e a habitual sensação de desgosto assaltou-o.

Souji acabou por atentar na sua presença e acenou, inquirindo:

— Sentis-vos bem, Joan-san?

— *Hai*, Souji-san. *Arigato*.

Depois, afastou os olhos e todos se remeteram ao silêncio. De sobre a colina, ele podia ver a azáfama gerada lá em baixo, com pessoas correndo a apagar as chamas e a acudir a chamamentos de socorro e, então, lembrou-se de Emiko e do que poderia ter-lhe acontecido.

— Vou lá a baixo — disse para quem o pôde ouvir e, à pressa, desceu a vereda em direcção à aldeia aninhada na encosta.

No exterior de uma casa, havia pessoas cobertas de pó, tossindo e sacudindo-se, e ele perguntou com alguma dificuldade se alguém estava ferido. Responderam-lhe que não e ele pôde ver que era apenas o susto e alguma cinza e pó que os incomodava, e seguiu caminho.

Mais adiante, havia um incêndio quase debelado e não perdeu tempo. No seu pensamento havia apenas uma ideia: encontrar Emiko.

Mas não a encontrou e assistiu toda a noite ao esforço das gentes para minorarem alguns danos e resolverem outros. Viu também que a ansiedade as mantinha na rua, à espera de réplicas. Mas não houve mais nenhuma até de manhã.

E foi de manhã, precisamente, que avistou Emiko. Vinha do outro lado da aldeia, caminhando langorosa pela estrada coberta de lajes perfeitamente encaixadas, como uma visão, como um anjo. Estava resplandecente e não aparentava qualquer ferimento.

Sorriu-lhe quando o avistou e apressou-se na sua direcção.

— Como estás, Emiko? — perguntou ele.

— Bem, e vós, Joan-san?

— Bem, não fosse o susto. O que aconteceu?

— Oh, um mero terremoto. Um dos fracos. Os danos são insignificantes e rapidamente estarão solucionados.

— Insignificantes? — perguntou ele, estupefacto.

— Sim. Não houve mortos e os incêndios foram poucos e rapidamente circunscritos. Na verdade, descontando danos menores, ninguém ficou sem casa. Isso foi um milagre — anunciou ela. — Já houve terremotos que destruíram cidades inteiras, como Osaka ou Quioto, metrópoles enormes, comparadas com esta pequena aldeia de pescadores e artesãos. Nesses grandes núcleos, morrem sempre centenas ou milhares de pessoas. — Ele não conseguiu apreender o sentido de tudo o que ela dissera, apenas que os terremotos traziam, às vezes, a morte a dezenas ou centenas de pessoas.

— Tantas? — perguntou, surpreendido.

— Oh, sim. Na vossa terra não há terremotos assim? — Agora, ali, na rua, onde podiam ser ouvidos por outros, ela voltava a usar o tratamento impessoal. No entanto ele pôde ver que apesar das palavras, o olhar dela ostentava o mesmo brilho, a mesma alegria.

— Nunca assisti a nenhum, apesar de haver referências a alguns em escritos antigos — disse ele, e não soube se ela compreendera tudo. Depois, perante a falta de vocabulário e a incapacidade que sentia, calou-se. Mas parecia que, no essencial, Emiko o tinha compreendido e isso é que era importante.

— Tendes sorte, Joan-san — disse ela. — Para nós, são tão frequentes que a maior parte das vezes já nem ligamos. Só quando são maiores. Ou quando geram maremotos.

— O que são maremotos?

— Quando o abalo se dá no mar, ele avança furioso sobre a terra e derruba tudo. É muito mau — explicou ela. — Este foi apenas um ligeiro tremor.

Voltou a sorrir e ele descontraíu-se.

Mais tarde, quando a noite chegou sem que tivesse havido outro abalo, e quando já poucos indícios existiam dos que tinham ocorrido, eles voltaram a encontrar-se em casa dela, na rua estreita, e ele regressou ao assunto da manhã, desejoso de afastar todos os temores, de exorcizar os seus medos e de compreender.

— Dizes tu que os terremotos são frequentes no Japão? — perguntou.

— Oh, sim, muito.

— E vocês conseguem viver nesta insegurança?

— E onde existe segurança? Em nenhum lugar do mundo homens e mulheres estão completamente protegidos de catástrofes e perigos.

Ele pensou no que ela dissera e concordou.

— Sim, mas viver assim não deve ser fácil...

— Depende do que entendermos por facilidade. Na verdade toda a

nossa vida está moldada a estes fenómenos. Já sabemos o que fazer, como reagir... E somos muito rápidos a reagir.

«É verdade», pensou João. Já poucos indícios havia do que ocorrera. As casas estavam quase reparadas e tudo estava de novo imaculadamente limpo. Como se tivesse sido um sonho, pensou. Mas como seria se voltasse a acontecer? Como seria quando acontecia durante o sono? Poderia ele viver naquela incerteza?

— Muitas vezes, ocorrem durante a noite e então os perigos são maiores, porque há incêndios e derrocadas que apanham as pessoas a dormir. Mas o momento em que acontece é apenas carma. E nós habituamo-nos.

Nada parece abalar esta gente. Vivem cada momento como se fosse o último, e sempre com um sorriso de serenidade nos lábios. Perante as adversidades dizem carma e prosseguem. E apesar de não saber exactamente o que (diabos!) carma significa, julgo apreender o sentido, numa espécie de entrega ou de resignação. Mas quem imaginar que os Japoneses são um povo capaz de se resignar, cometerá o maior erro da sua vida, pois eles sabem qual a exacta medida entre a aceitação e a persistência. Como uma espécie de lagartixa que sabe o que ceder para obter o mais importante...

Os danos foram reparados e tudo voltou ao normal. Pensar num terramoto está agora completamente distante da mente de todos. Parece que na pressa que têm de consertar tudo, reside a solução para ultrapassar medos e más recordações. É a forma de exorcizarem os seus demónios. É fantástico!

Já nem eu me lembro do terramoto. Apenas de longe a longe me vem à lembrança e pergunto-me quando será o próximo... Será realmente verdade que todos os anos os tenham?

Emiko é uma amante excepcional. Nenhuma das nossas mulheres conseguiria chegar aos pés de uma japonesa, nas artes do amor. Neste país, as mulheres não têm tabus e entregam-se ao prazer completamente libertas de amarras ou convenções. O desconhecimento de Deus parece que apenas lhes aligeira as almas e não parecem sofrer de nenhum remorso ou complexo de culpa, o que me faz perguntar como seríamos nós se Cristo e a Sua Palavra não nos tivessem visitado, no Ocidente. Apenas uma dúvida me assalta: o que será das suas almas, quando um dia morrerem? Poderá o Inferno estar cheio de

japoneses? E de chineses? E de indianos? Pergunto-me necessariamente: será o Céu exclusivamente nosso?

Goa abraza-lhe a mente para a constatação de que a cultura ocidental representava *apenas* uma das muitas maneiras de ver a vida, e não a única. Enquanto no Ocidente o mundo se regia por tabus e convenções, sempre sob o olhar atento dos doutores da Igreja e dos seus espiões malignos, ali, naquela terra de cravo e canela, de cores exuberantes e de um calor húmido e insinuante, tudo se fazia ao sabor das emoções. As mulheres, ardentes, entregavam-se ao amor com um desprendimento que surpreendeu João. E os que há mais tempo se achavam por aquelas paragens aconselharam-no a usufruir dos *prazeres da vida*.

Claro que, frequentemente, ocorriam rixas e mortes por ciúme, mas a verdade é que a maioria das vezes nada se entrepunha entre um homem e uma mulher. Durante meses, ele gozara os *ditos prazeres*, como um demónio chegado ao Éden.

Mais tarde, acontecera o mesmo no Sul da China, numa das muitas aldeias onde estivera a fazer comércio. As pequenas chinesitas entregavam-se à luxúria, como cadelinhas com cio e nada movidas pela culpa, remorso, ou medo do Inferno. E descobriu que o Inferno era uma *invenção* da sua cultura, criada pela Igreja para atemorizar os crentes. Longe dos padres — que eram poucos e, dos poucos, muitos se encontravam rendidos aos lúbricos prazeres — e da influência de Roma, distante de mais para fazer ouvir a sua voz, o Oriente revelava-se uma espécie de paraíso desconhecido, fremente de sensações e de cores, de cheiros e de mensagens subliminares que ele ouvia pela primeira vez e que adorava.

No entanto, tanto na Índia como na China, havia uma espécie de desordem que não encontrara ali, onde a atitude perante o amor e os prazeres íntimos eram semelhantes.

O meu professor de Japonês tem o nome de Tamura Kenji e é um velho que passou toda a sua vida a ensinar as crianças dos senhores mais importantes. As restantes são, na generalidade, analfabetas, visto que não existem escolas, nem a necessidade de ensinar, quando todos os braços são imprescindíveis para os trabalhos do campo e outros. Por isso, só os que têm o privilégio de um nome ou de um título usufruem da bênção da educação. Aprendem a ler, a escrever e a contar, pois mais tarde serão senhores de um feudo, pequeno ou grande, mas cuja administração exige conhecimento e saber. Além dele, existem também alguns monges, num mosteiro a alguns ri de distância que

contribuem para o ensino dos poucos alunos. Sempre que vejo os meninos da aldeia entregues a tarefas ligadas à lavoura ou à pesca, sinto uma espécie de tristeza, que me faz recordar como fui afortunado ao ter tido a oportunidade de aprender. O conhecimento, ao contrário do que muitos dizem, é benéfico e mudaria certamente o mundo se se vulgarizasse. Contrariamente ao que dizem os nossos padres, não escraviza, mas liberta, pois de que outra forma eles próprios o desejariam se se sentissem escravos? Não são eles os senhores que dominam a ignorância da maioria? Divago, uma vez mais. Devo ter cuidado com o que escrevo. Volto à pessoa do meu mestre. Diz que ensinar é um privilégio, uma vez que permite aprender mais do que ensinar. Diz igualmente que ninguém ensina ninguém, verdadeiramente; somos apenas o veículo através do qual se processa a lembrança. Porque, segundo ele, se trata afinal de lembrar. Diz-me que, se numa outra vida eu fui japonês, então será fácil que eu venha a falar japonês, de outro modo é impossível esperar que eu venha alguma vez a ser capaz de falar como ele. Mas se mesmo assim eu for capaz de falar a sua língua, então esse poderá ser um indício de que numa vida futura renascerei japonês.

Os Japoneses acreditam que somos o resultado de sucessivas reencarnações, que nos conduzirão, por fim, ao desejado estado de perfeição. Ao nirvana. Neste processo de consecutivas vidas e mortes manifesta-se a memória.

Se o fascínio é parte dessa memória, então posso acreditar que numa outra vida, num outro tempo, já fui japonês! Mas se não fui, há boas razões para crer que poderei vir a ser.

Como vêem, nenhuma crença é um fim em si.

São um povo frugal.

E é espantoso como tão pouco alimento pode gerar tanta tenacidade! Privilegiam o consumo de peixe e verduras, acompanhados pelo óbvio arroz, que se desenvolve em terrenos alagadiços. Onde a água não existe, fazem-na chegar recorrendo a inteligentes sistemas de canais. No entanto, o Japão é, no essencial, uma terra onde a água abunda e onde as chuvas são frequentes e abundantes, também.

É um país de grandes relevos e vastas florestas, e a terra para cultivo é pouca. Por isso não há nenhum talhão, por mais pequeno que seja, que permaneça ao abandono.

O meu professor explica-me esta e outras coisas fazendo esboços e desenhos no chão.

...

Quando parti da minha terra, há oito anos, grande parte das courelas estavam ao abandono. Em contrapartida, em Lisboa, havia pelas ruas um bando de indigentes e de famintos. Quando lhe expliquei isto, ele arregalou os olhos de espanto. Na realidade, aqui não se vêem pedintes e todas as mãos trabalham em prole do bem comum.

A doença não parece também frequente, com excepção da lepra e da sífilis², esses males tão repugnantes que tantas vítimas têm feito no Ocidente. Aqui, porém, apesar de ocorrerem, os casos são muito raros. Um destes dias, avistei um pobre que sofria desse mal que corrompe as extremidades do corpo, apodrecendo-os e condenando-os à amputação, e estranhamente reparei que não havia, da parte dos demais, a natural atitude que normalmente costumamos ter. Percebi que respeitavam aquele triste destino sem hostilizarem as suas infelizes vítimas, para que numa futura vida não viessem, também, a padecer do mesmo. Ofereceram-lhe roupas e bens de consumo e deixaram-no partir em paz. Disseram-me que havia um grupo que vivia algures numa aldeia isolada, construída no meio dos bosques...

Outro facto surpreendente liga-se com a aparente longevidade. Por todo o lado, podem ver-se velhos, que todavia, apesar da idade avançada, se mantêm activos e úteis, sendo igualmente alvo de um grande respeito, por parte dos mais novos.

Enquanto nós na Europa tendemos a menosprezar e mesmo a desprezar a velhice, aqui, em contrapartida, tratam os velhos, não só como um repositório de saber e experiência, mas como uma espécie de memória moral a que recorrem com frequência, em busca de apoio e conselhos.

Nas nossas sociedades, este seria um comportamento considerado desadequado, visto que tendemos a valorizar a juventude e a força em detrimento da experiência e do conhecimento.

A nossa ideia de utilidade assenta no óbvio ganho que possamos obter e tem como principal objectivo, quer seja monetário, quer seja de outro valor, o material.

É essa busca de riqueza imediata que leva famílias inteiras a procurarem as

² Parece óbvio que João desconhecia ainda (e não existem indícios de que tivesse vindo a conhecer) os grandes surtos de varíola que em determinadas épocas assolavam o Japão, causando entre as suas populações muitas vítimas, algumas das quais, apesar de se salvarem da morte (muito frequente), não se livravam das desagradáveis e feias marcas deixadas no rosto, pelas pústulas. [N. do A.]

grandes cidades, abandonando os campos. O movimento de conquistas e descobertas que nos mobiliza agora a todos torna-se também responsável pelo êxodo de um número cada vez maior de almas, das aldeias para as cidades. Lisboa é uma metrópole enorme, maior do que outras grandes cidades europeias. Há alguns anos, era apenas uma capital como qualquer outra, em busca de um rumo e crescendo gradualmente. Mas agora, com as novas riquezas a chegarem todos os dias, e com o vaivém de naus, explodiu simplesmente, alargou-se para lá dos seus limites e resplandece com o ouro e as especiarias que chegam a toda a hora.

Que saudades tenho eu de Lisboa! O seu porto pejado de navios, os seus mosteiros e as suas ruas tortuosas cobertas de lixo, sempre a enxamearem de pessoas, animais e obscenidades.

Aqui não se vê lixo, ou animais passeando-se. Nem se ouvem pessoas a gritarem, numa ânsia permanente de irem a qualquer sítio, em busca de qualquer coisa, desejando fazê-lo com toda a pressa, como se cada momento pudesse ser o último. Aqui há uma ordem em tudo e todos se deslocam sem se atropelarem.

São um povo muito ordeiro!

Como normalmente, João acordou cedo, ainda o Sol mal raiava, e saiu para o jardim, a fim de ver o nascer do astro-rei. Estava serenamente a contemplar a alvorada, quando observou Souji, que também madrugara e saíra para o relvado, sentado sobre a erva húmida. Ignorante da sua presença, também ele observava o nascer do dia. João sabia que aquele era mais um dos hábitos japoneses, que conferiam uma importância muito grande a este e outros acontecimentos. «Tão diferentes de nós», pensou, «que somos tão pouco contemplativos e apenas procuramos na Natureza os indícios de catástrofes ou tempestades. Eles admiram a beleza do mundo, com uma acuidade que está para além da nossa compreensão.»

Depois de o Sol ter finalmente despontado, João pôde ver que o samurai, despojado do quimono e das suas espadas, se entregava agora a uma espécie de dança, ou exercício matinal, feito de gestos e movimentos fluidos e ficou a admirá-lo, executando aquela espécie de bailado. Quando finalmente parou, João aproximou-se e foi só então que Souji pareceu reparar nele.

— *Ohayô gozaimassu*, Souji-san — cumprimentou João, ao modo japonês, contente por se lembrar das palavras certas.

— *Ohayô gozaimassu*, Joan-san — replicou o outro, correspondendo à vénia com um sorriso nos lábios. — Um dia maravilhoso — observou.

— *Hai* — Sim — respondeu João. Depois, com palavras simples, perguntou que *dança* era aquela que o outro executava. — De que se trata?

— Ah! — exclamou Souji, aprestando-se a explicar. — *Shinto*. — E ele compreendeu que aquele ritual estava relacionado com a religião ancestral e era a forma de dar as boas-vindas ao Sol e agradecer aos *kami* todas as dádivas e o novo dia. — Lindo, *neh?* — voltou Souji a observar.

— *Hai* — confirmou João. Evitando o cansaço de perceber o japonês, remeteu-se ao silêncio.

A Primavera, apesar de se encontrar no seu ocaso, proporcionava ainda um espectáculo esplendoroso, com flores abundantes, pássaros chilreantes e perfumes intensos. No entanto, as nuvens avançavam do mar, cobrindo o céu com uma frequência cada vez maior e, apesar de não chover, o tempo estava abafado, pressagiando trovoadas.

— Como haveis dormido, Joan-san? — perguntou o senhor Souji.

— Bem, senhor, e vós, Souji-sama?

— Bem, muito bem.

— Ótimo. — Depois, Souji aproveitou para o felicitar. — Joan-san, vejo que o vosso japonês já é mais fácil de perceber. . .

— Ah, sim, aprendi muito. . . — disse ele.

— Muito e depressa.

— Ora, é bondade vossa. Não foi tão depressa como desejaria. Dificil, *neh?*

— Mas haveis denotado capacidade. Estais de parabéns, Joan-san.

— Obrigado. Sim, obrigado, Souji-sama. Gostava de saber mais.

— Com tempo. Com tempo e paciência.

— Sim, e persistência. Mas é cada vez mais difícil. . . Quanto mais conhecimento, mais árduo se torna.

— Sim.

Por fim, calaram-se, ficando apenas a observar a manhã.

A seguir, apareceu uma criada, trazendo chá e uns bolos que ambos comeram.

— Amanhã não trabalhareis, Joan-san — disse o senhor Souji. — Amanhã haverá festa.

— Oh!, sim?

— Sim. Amanhã ninguém trabalha.

O templo ficava num local retirado da aldeia e tratava-se de uma construção diferente de tudo quanto ele vira até então, nada semelhante a uma igreja ocidental, feita de pedra, erguida contra o céu, tão imponente como se desejasse alcançar o azul infinito, mas relativamente baixa, de madeira, com um grande portal de acesso por onde entravam os crentes. Anunciando o local, havia dois grandes pilares de madeira, unidos por uma trave de

igual grossura; todo o conjunto pintado de vermelho. Em torno, um grande descampado e uma cerca rodeavam o conjunto. Depois, era o jardim... O jardim imenso e magnífico, como todos os jardins japoneses. Diferentes de qualquer jardim europeu. Ordenados e caóticos ao mesmo tempo, mas sempre belos, de uma beleza exótica, onde tudo parecia encaixar numa espécie de caos organizado. Era para aquele lugar calmo e pleno de religiosidade que os crentes se dirigiam ordeiramente.

O professor explicou-lhe que se tratava de um festival religioso que todos os anos tinha lugar naquela data. Era o pedido aos deuses para que as chuvas fossem abundantes, mas não exageradas, não devastadoras. As chuvas eram essenciais para que o arroz crescesse e se desenvolvesse e delas dependiam, mais tarde, as colheitas.

Por isso, todos vinham agora depor aos pés do altar erguido no seu interior, que albergava o espírito responsável pelas nuvens, pelos ventos e pela chuva, oferendas de incenso, flores e alimentos. Independentemente de serem artífices, pescadores, agricultores ou samurais, todos sabiam que, sem uma boa cultura, o seu mundo se podia desmoronar rapidamente. Não faltavam exemplos no passado em que más culturas, com produções diminutas, arruinadas pela falta de chuva ou pela chuva em excesso, tinham levado os Japoneses à fome, à guerra e ao desastre.

Livrasse-os Buda a todos dessa catástrofe!

Escrito mais tarde:

A sua religião não é uma religião no sentido em que vemos a nossa, mas antes um conjunto de ditames filosóficos, segundo os quais regem a sua moral e, conseqüentemente, a sua vida. É um misto de xintoísmo e budismo, a fusão de dois conceitos.

O xintoísmo é a religião nativa e ancestral “a manifestação dos deuses” e baseia a sua filosofia no reconhecimento da existência de kami, espécie de espíritos que regulam tudo na Natureza. Busca essencialmente a compreensão dos fenómenos naturais e a forma como se manifestam na vida dos seres humanos, os únicos que a divindade dotou de saber e entendimento, mas não os detentores de toda a “consciência”. Está ligada à terra e à contemplação das suas manifestações: um regato, uma árvore, uma montanha, são pretextos ideais para uma projecção do pensamento, na busca do entendimento, primeiro passo para o alcance da harmonia entre todos os seres e a Natureza com a qual interagem.

O budismo, surgido na Índia, cerca do século VI, e, mais tarde, levado para a China e Coreia, e finalmente para o Japão, influenciou decisivamente o imaginário japonês, ao misturar-se com o xintoísmo.

Budismo, de Buda, o seu fundador, traduz-se numa procura espiritual e visa alcançar a harmonia entre todos os homens. O Caminho de Buda é, pois, a estrada que cada um percorre na sua vida, em busca da paz interior, imprescindível a esse equilíbrio. O facto de ter por objectivo a paz causou inicialmente alguma estranheza, já que na Natureza tudo é litígio e conflito, mas rapidamente encontrou o seu lugar no coração dos Japoneses.